

MAR-ABR DE 2015

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 12,68

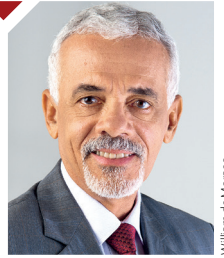


Doutrina e profecia no púlpito

O equilíbrio necessário
à pregação eficaz

**O GUIA
24 HORAS
DO PASTOR**

**CONHEÇA A
ORIGEM DA
IDENTIDADE
PASTORAL
ADVENTISTA**



William de Moraes

Ministros da Palavra

No livro *Se Eu Começasse Meu Ministério de Novo*, John M. Drescher menciona várias atitudes que corrigiria em seu pastorado, caso tivesse a chance de um recomeço. Entre elas, está o maior nível de prioridade que daria às Escrituras, em sua vida pessoal, na pregação e no cotidiano pastoral. É possível que muitos outros pastores digam a mesma coisa. Tão grande é o volume de trabalho, o corre-corre para cumprir tarefas, atingir metas, que a falta de tempo se torna desculpa com que tentamos justificar a negligência para com o estudo da Palavra de Deus. Cabe ao pastor levar às pessoas o conhecimento da salvação, edificar e nutrir espiritualmente os salvos que estão sob seu cuidado. Então, soa óbvio dizer que ele não pode falhar em ser profundo conhecedor das Escrituras.

“Se eu estivesse começando meu ministério de novo”, sugere Drescher, “eu invernaria cada ano com um livro da Bíblia, ou uma série de livros pequenos [...], lendo, ouvindo o Espírito através da meditação e oração.”

Entendendo, desde os primórdios do cristianismo, o papel superior das Escrituras nas atividades de liderança pastoral e evangelística, os apóstolos decretaram: “e nos dedicaremos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6:4). Por sua vez, escrevendo a Timóteo, o apóstolo Paulo foi claro ao aconselhar: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo” (2Tm 4:2). “É pecado da parte dos que tentam ensinar a Palavra a outros, negligenciar, eles mesmos, seu estudo. São poderosas as verdades com que eles lidam? Então devem lidar com elas habilmente. Suas ideias devem ser clara e vigorosamente apresentadas. De todos os homens sobre a face da Terra, devem ser os que proclamam a mensagem para este tempo os que mais compreendam a Bíblia, e estejam inteiramente familiarizados com as provas de sua fé. Uma pessoa que não possui o conhecimento da Palavra da vida, não tem o direito de procurar instruir outros no caminho do Céu” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 249).



É pecado da parte dos que tentam ensinar a Palavra a outros, negligenciar, eles mesmos, seu estudo”

Bem cedo em sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, por meio de sua liderança, compreendeu a realidade desse pensamento e empreendeu esforços na qualificação de seus pastores. Escolher os homens certos, prepará-los, ordená-los e credenciá-los foram atitudes que ajudaram a evitar o ingresso de pessoas não comprometidas com a excelência das verdades a ser proclamadas e proteger a igreja contra aproveitadores. Essas atitudes também resultaram no fornecimento de homens de mentalidade espiritual e capacitados para a liderança das congregações. Afinal, como escreveu Dwight L. Grubbs, “a dignidade de uma vocação deve ser medida sempre pela seriedade da preparação que se faz para ela” (*Beginnings – Spiritual Formation for Leaders*, p. 56; citado por John Drescher).

É natural que assim seja, considerando a excelência e origem do chamado pastoral, bem como seu supremo objetivo: levar às pessoas a salvação provida por Deus em Jesus Cristo. Isso “por meio da loucura da pregação” (1Co 1:21). Pode-se até dizer que esse não é o único meio, mas é absolutamente indispensável, uma vez que o pastor é o arauto comissionado por Deus, para anunciar salvação, em público ou especificamente a indivíduos, e também deve discipular outras pessoas para fazê-lo.

O tema dessa proclamação é o evangelho eterno, pleno. Não se trata de uma mensagem que apresente unilateralmente doutrinas, profecias, ou apenas as boas-novas evangélicas. Cada um desses aspectos da mensagem bíblica é parte de todo o plano redentor de Deus. Um não pode ser enfatizado em detrimento do outro. A necessidade de equilíbrio na abordagem desses assuntos, no púlpito adventista, e a razão por que deve ser assim, é o tema do artigo do Dr. José Carlos Ramos, nesta edição. Evidentemente, o leitor encontrará outros temas que, acreditamos, vão enriquecê-lo espiritualmente no dia a dia pastoral. Essa é nossa sincera oração. **TM**

Zinaldo A. Santos

8 Investimento compensador

Udolcy Zukowski

Veja um emocionante exemplo de recompensa do trabalho com juvenis.

10 A escolha de um ministério

Michael W. Campbell

Passos que levaram à formação da identidade pastoral adventista.

14 Ensino e explicação da lei

Helbert D. Liessi

Lições que podemos aprender da experiência de Neemias.

16 Doutrina e profecia no púlpito

José Carlos Ramos

Teólogo enfatiza a necessidade de equilíbrio na pregação.

20 Por que estamos aqui?

Clinton Wahlen

"Deus suscitou o movimento adventista para um propósito especial", diz ex-ateu.

23 O guia 24 horas do pastor

Clodoaldo Tavares dos Santos

Uma reflexão sobre o fundamento da ortopraxia ministerial.

27 Nos passos do Mestre

Luís Gonçalves

O exemplo de Cristo nos convida a fazer do evangelismo um estilo de vida.

2 Editorial

4 Entrelinhas

5 Entrevista

28 AFAM

30 Mural

32 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 – Número 517 – Mar/Abr 2015
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor

Zinaldo A. Santos

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

Montagem sobre imagens do Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista Ministério deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 61,60
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5880 / 32157



Gentileza DSA

Desprendimento

Desprendimento é a palavra que define o espírito missionário na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A esse respeito, escreveu Ellen G. White: “Entre os habitantes do mundo, espalhados por toda a Terra, há os que não têm dobrado os joelhos a Baal. Como as estrelas do céu, que aparecem à noite, esses fiéis brilharão quando as trevas cobrirem a Terra, e densa escuridão os povos. Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os escuros recantos da Terra, Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a este mundo apóstata o poder transformador da obediência à Sua lei” (*Evangelismo*, p. 706, 707).

O continente sul-americano recebeu missionários adventistas que, deixando suas respectivas pátrias, formaram um “firmamento de escolhidos” e deram origem à Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, estabelecida em 1916. Hoje, essa Divisão, uma das maiores do mundo, tem condições de retribuir o benefício do desprendimento a ela demonstrado. Por isso, em 2015, a Divisão Sul-Americana estará enviando 25 famílias, dentro do projeto “Missionários para o mundo”, com duração de cinco anos, com recursos provenientes da Igreja e suas instituições.

Este é nosso dever: “Mostrar um espírito liberal, abnegado para com o êxito das missões estrangeiras, é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados. Trabalhando para prover às necessidades de outros, pomos a nós mesmos em contato com a Fonte de todo o poder” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 465, 466).

Os desafios ainda são imensos. Na chamada “Janela 10/40”, por exemplo, temos o seguinte quadro: 3,6



É plano divino que todos os segmentos da igreja sejam liberais em ajudar os campos estrangeiros difíceis para o evangelismo”

bilhões de habitantes; 30% a 40% são crianças com até 15 anos. Isso representa mais da metade da população mundial, com 84% de pobres. Há 1,1 bilhão de muçulmanos, 1 bilhão de hindus, 600 milhões de budistas, 1% de cristãos e 0,001% de adventistas do sétimo dia.

A Divisão Sul-Americana tem feito sua parte no cumprimento da missão mundial. Os esforços incluem orações, ofertas missionárias, envio de estudantes no projeto “Valdenses” que, em interação com as universidades, realizam o trabalho de pregação, o que também é feito nos Centros de Influência prestadores de serviços às comunidades, em parceria com a Agência Adventista de Recursos Assistenciais, Adra. Também há o ministério com publicações e utilização de mídias diversas.

No próximo ano, o plano prevê a participação de 30 famílias pastorais vivendo longe de sua pátria, cumprindo a missão descrita na Palavra de Deus: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14). Cada um de nós tem uma parte a desempenhar, no âmbito pessoal. Como líderes, também devemos inspirar, motivar e capacitar os membros da igreja, discipulando-os para que se tornem missionários longe ou perto.

“O Senhor tem observado todos os aspectos do zelo missionário manifestado por Seu povo em favor dos campos estrangeiros. É Seu desígnio que, em todo lar, em toda igreja, e em todos os centros da obra, se manifeste um espírito de liberalidade no enviar auxílio aos campos estrangeiros, onde os obreiros estão lutando contra grandes desvantagens para comunicar a luz da verdade aos que se acham assentados em trevas” (Ibid., p. 466). **M**

Herbert Boger
Secretário ministerial associado da
Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista

Explorando a poesia hebraica

“Creio ser importante que todo pastor se proponha a introduzir vários salmos em seu calendário anual de pregação”

por Nerivan Silva e Zinaldo A. Santos

Nascido em Lima, Peru, em 1973, o pastor Edgard Horna Santillán é adventista de terceira geração e filho do pastor Edgard Horna Salvatierra, jubilado. Foi batizado em 1985 e, em 1996, formou-se em Teologia na Universidad Peruana Unión, UPEU, onde também concluiu o mestrado. Atualmente, está em fase de preparo de sua tese doutoral sobre Antigo Testamento, pela Universidad Adventista del Plata, Argentina. O pastor Horna é casado com a professora Glória Lagos Moraga e tem dois filhos: Sérgio e Dáreli.

Depois de haver trabalhado como capelão escolar, professor de Bíblia, e pastor de igrejas na Associação Peruana Central, em 2001, ele foi chamado para ser professor da Faculdade de Teologia da UPEU. Além disso, desde 2013, é também diretor da mesma Faculdade. Nesta entrevista, ele fala sobre o tema de sua tese e a relevância dela para o ministério pastoral.

Como o senhor define a poesia hebraica, e por que escolheu especializar-se nela?

Desde criança, deixei-me fascinar pelas histórias do Antigo Testamento. Como homens e mulheres comuns eram utilizados por Deus para cumprir Sua vontade ou apenas para receber o amoroso cuidado de Jeová. Meu apreço pelos livros poéticos, especialmente os Salmos, desenvolveu-se quando me tornei adolescente e jovem. Diante dos desafios da vida, cada oração e cântico me infundiam confiança e segurança no Senhor. No curso teológico, o estudo dos idiomas bíblicos, a exegese da teologia e os estudos do mestrado me levaram a compreender dois aspectos que acredito serem as razões pelas quais decidi fazer doutorado em Antigo Testamento. Primeiro, a singularidade prática de sua



Gentileza do entrevistado

mensagem teológica. Segundo, como podemos explicar melhor outros textos bíblicos, especialmente quanto à doutrina da salvação. A poesia hebraica pode ser definida como a estruturação literária densa de uma ideia, acontecimento ou experiência da realidade. É um ícone verbal de palavras ou expressões escolhidas que imitam ou refletem a realidade. Por isso, sua linguagem atrai nossa atenção.

Qual é a relevância do conhecimento de poesia hebraica bíblica, hoje?

Primeiramente, ao nos concentrarmos nas imagens e simbolismo do mundo bíblico, podemos conhecer Deus e falar a respeito dEle. O que não vemos pode ser mais bem compreendido por meio de comparações. Assim, podemos entender que Deus é confiável, ao ser Ele comparado a uma rocha (Dt 32:4, 18; 2Sm 22:2; Sl 18:2; 19:14; 28:1; 31:2; 71:3; 89:26; Is 33:16). O próprio Cristo usou linguagem figurada, para gravar na mente de Seus ouvintes a mensagem de salvação (Mt 13:34, 35; Mc 4:33, 34). Essa forma de conhecer Deus é superior à filosofia, porque aprendemos mais e melhor por meio das coisas que nos cercam. Em segundo lugar, as imagens, assim como

sua estrutura simples, não se perdem na tradução, dando-lhe caráter universal, de modo que a mensagem pode ser compreendida por toda pessoa, em todo tempo e lugar. O tamanho ou extensão dos cânticos e ditos permite ao ouvinte gravar e recordar melhor as lições neles contidas. A poesia, e especialmente o cântico, é a melhor forma de expressar fé e devoção a Deus. As lutas e derrotas, alegrias e vitórias dos filhos de Deus daquela época mostram que eram pessoas com as mesmas lutas, tentações e dificuldades pessoais que enfrentamos hoje. A isso se soma o fato de que por esse meio podemos adorar e louvar a Deus, reconhecendo-O como nosso Salvador e Criador. Finalmente, a poesia bíblica é importante para a compreensão da teologia bíblica, assim como das doutrinas. A densidade de suas imagens e sua linguagem figurada explicam melhor a realidade da experiência cristã, assim como a natureza divina, sua ação e propósito para com o homem. Um exemplo disso é visto na prática de Jesus. No estudo bíblico que deu aos discípulos no caminho de Emaús, Ele mencionou “todas as Escrituras” (Lc 24:27), e também os Salmos (v. 44, quando apareceu no cenáculo) para Se referir à Sua missão e Seu ministério. Por isso, creio que devemos dedicar mais tempo ao estudo, investigação, publicação de livros e à pregação sobre esse tema.

Como funciona a poesia hebraica? Quais são suas características?

A poesia hebraica não depende de um esquema de versos com acento e rima que se repetem regularmente. Sua acentuação é irregular e sua rima, se é que existe, parece ocasional ou acidental. A base métrica mais significativa consiste na simetria equilibrada de forma e sentido, conhecida como “paralelismo” de pensamento. Às vezes, isso não é claro na tradução, já que para tornar mais claras as ideias, pode-se modificar a ordem das palavras. Através

desse tropo, o poeta dispõe suas declarações em pares, com um som e seu eco, porém como parte de um todo. A poesia bíblica enfatiza o pensamento e a mensagem. Suas características podem ser organizadas em dois aspectos. Primeiro, em relação à mensagem, ressalta a formosura da natureza expressando o amor de Deus por ela; está saturada da realidade divina; destaca-se a formosura da natureza humana. Nesse aspecto, destaca-se a sabedoria, não a estabelecida em nosso tempo que implica ter conhecimento, mas sabedoria prática e que ensina a viver retamente (Ec 12:13). Segundo, em relação aos aspectos constitutivos, caracteriza-se por sua densidade, ou seja, a concentração de sentido que está ligada a um jogo de relações em todos os níveis de significado:

“Os salmos têm função teológico-homilética. Eles são como uma espécie de ponte entre o então e o agora, entre o mundo antigo e o atual”

paralelismos, imagens diversas, jogo de palavras e a falta de conjunções. É de caráter cíclico, repetitiva, e se evidencia em todos os níveis: ritmos, sintaxe, fonética, entre outros. Não é que repita a mesma coisa, mas a segunda linha enfatiza a primeira linha de forma criativa. Nesse sentido, essa é a característica mais importante da poesia hebraica. Finalmente, existe o uso da linguagem escolhida, que em geral faz com que várias expressões apareçam uma só vez no texto poético.

Dê-nos uma visão dos Salmos, no contexto da poesia hebraica.

Desde há muito tempo, os livros poéticos, e particularmente os Salmos, são a parte da Bíblia mais apreciada e citada. Basta observarmos a grande quantidade e variedade de publicações a respeito: comentários, manuais exegéticos, hinários, devocionais. O interesse pelos salmos tem sido despertado principalmente em relação à história de sua formação, sua estrutura, gênero e estilo literário, especificamente a função formal do paralelismo e metáforas. Apesar disso, há pouco interesse entre os pesquisadores e estudiosos da Bíblia quanto à teologia dos salmos. Tem-se discutido muito em relação à sua estrutura literária, dividida em cinco livros (seções): Salmos 1-41; 42-72; 73-89; 90-106; 107-150. Para a maioria dos eruditos, eles representam apenas etapas no processo de formação de toda a coleção. Para outros, os cinco livros seguiram o molde do Pentateuco, o que poderia ter influenciado na temática de cada um. Por ora se reconhece que cada livro conclui com uma doxologia: 41:13; 72:18; 89:52; 106:48; e 150, que serve como doxologia final de toda a coleção. Ao mesmo tempo, a análise de termos sugere um trabalho editorial para ligá-los um ao outro. Cada livro contém uma diversidade de gêneros literários que sugerem diversas formas de adorar a Deus, de modo público e privado. Se essas formas forem corretamente compreendidas, não apenas teremos

melhor compreensão de seu significado, mas também de sua função. Até o século 19, tentou-se mediante uma análise crítica conhecer a autoria, origem, propósito e fontes dos Salmos. Porém, o trabalho resultou inadequado diante da falta de informação. Um novo enfoque foi introduzido por H. Gunkel, que reconheceu padrões estabelecidos ou categorias para contextos específicos. O problema foi ter ele estabelecido que uma forma de compreender os salmos seria através das expressões

religiosas de outras culturas do Antigo Oriente Próximo. Depois de Gunkel, têm surgido vários estudos nessa direção e se tem conseguido reconhecer diversas formas; várias estão bem estabelecidas, e outras caem na conjectura e inexatidão. Entre os gêneros mais destacados estão os hinos ou salmos de louvor, queixas individuais e congregacionais, salmos reais e sapienciais e outros. Os estudos em relação à parte formal, como são os paralelismos, repetições e imagens estão muito estendidos pela riqueza contida nos salmos. Assim, nesse livro se encontram paralelismos sintáticos, semânticos e gramaticais, que, por sua vez, mesclam com repetições que enfatizam a mensagem que o autor quer destacar. Nos últimos anos, há um interesse renovado pelas imagens e metáforas utilizadas como motivos teológicos no saltério. Por exemplo, nas metáforas usadas para Deus, encontramos que 146 vezes é feita menção a alguma parte do “corpo” de Deus (olhos, mãos, boca), 93 vezes se refere ao Deus dos Céus; 51 vezes fala de Deus como Rei; 47 vezes é mencionada a casa de Deus. Há outras imagens de Deus como guerreiro, rocha, escudo e pastor. Isso tem aberto um novo campo de investigações que é a interpretação comparativa iconográfica, método introduzido por O. Keel em 1972, pelo qual se busca comparar o pensamento religioso da Bíblia com o pensamento religioso do Antigo Oriente Próximo. Esse tipo de interpretação pode resultar arbitrária, se não existirem critérios bem definidos que governem a interpretação de imagens. De fato, a comparação entre imagem e palavra pode nos ajudar, se a Palavra inspirada tem preferência sobre a informação iconográfica provida pelo Antigo Oriente Próximo. Apesar do grande interesse entre os eruditos, nos últimos anos, não tem sido assim com relação ao estudo da mensagem teológica nos salmos. Apenas alguns temas como a criação, o juízo, o Messias, a lei de

Deus, entre outros, têm sido estudados. Ou seja, tem havido mais interesse na forma, e pouco na mensagem central.

O que o senhor sugere para que o pastor faça o melhor proveito homilético dos Salmos?

Patrick Miller, em seu livro *Interpreting the Psalms*, reconhece que os salmos têm uma função teológico-homilética. Ele per-

“Jesus mencionou ‘os Salmos’ ao Se referir à Sua missão e Seu ministério (Lc 24:44). Por isso, creio que devemos dedicar mais tempo ao estudo e à pregação sobre esse tema”

cebe que não é fácil entender a narrativa e profecias bíblicas, porque nossos mundos são distantes e diferentes. Porém, isso não ocorre com os salmos; eles são como uma espécie de ponte entre o então e o agora, o antigo mundo e o atual. Isso nos permite entender melhor as palavras das Escrituras. Sendo que a experiência do salmista é parecida com a nossa, torna-se mais fácil ajudar outros a compreender melhor os grandes conceitos espirituais. Creio ser importante que todo pastor se proponha a introduzir em seu calendário anual de pregação vários salmos, por exemplo, 1, 2, 19, 23, 75, 76, 90, 110, entre outros. Alguns deles têm material suficiente para séries de sermões (1, 23, 119). Outra forma de organizar o calendário pode ser sobre a base das metáforas, ou motivos teológicos distintos: o Messias Rei, o Juiz,

a criação, o juízo final, o templo de Deus, a Rocha. Também podem ser feitos estudos comparativos entre os salmos e outros textos bíblicos como, por exemplo, Salmo 33 e Gênesis 1; Salmo 76 e Êxodo 14. Há muito para ser explorado nesse que é um dos livros mais extensos e teologicamente mais diversificados da Bíblia.

O que o conceito hebraico de pastor ainda tem a ensinar ao pastor de igreja em nossos dias?

No hebraico, o termo pastor é *rô'eh*, originado do verbo *râ'ah*, que significa “alimentar”, “pastorear”, “pastar”. Descreve a pessoa que cuida de ovelhas. Os pastores eram nômades ou seminômades, e também protegiam suas ovelhas dos ladrões e animais predadores. Hoje, não temos muita familiaridade com essa atividade específica, mas a aplicação feita a Cristo pode nos ajudar a entender nossa função como “pastores”. Em vários lugares o Senhor é apresentado como um pastor que conduz e cuida de Suas “ovelhas”, e o faz com bondade e fidelidade (Sl 23; 80:1; Is 40:11; Ez 34:11, 12). Jesus Se referiu a

Si mesmo como pastor, capaz de dar a vida pelas ovelhas (Jo 10:11-15). Então há duas lições para nós: (1) Devemos cuidar do rebanho, provendo-lhe alimento de qualidade e água fresca. Essa não é uma atividade restrita ao fim de semana, mas é diária. Então, não podemos deixar de visitar e atender os membros da igreja. (2) O inimigo busca devorar e destruir as ovelhas. Nossa tarefa é defendê-las e protegê-las dos falsos mestres, das ideias e práticas mundanas, e de qualquer outro predador que ameace nosso rebanho. Deus condena pastores que apascentam a si mesmos (Ez 34:2, 3, 8), que não cuidam das ovelhas, deixando-as errantes e feridas, expostas às feras. A advertência de Ezequiel deve ser suficiente para nos levar a cumprir a tarefa com dedicação e pensando menos no benefício pessoal que podemos obter. **M**



Investimento compensador

Em um bilhete, a recompensa valiosa do trabalho com juvenis e jovens



Junto a uma mochila na grama, duas pessoas montam uma barraca. Um pouco mais distante, ouve-se o ruído de alguém tentando inflar o colchão de ar. O ambiente está alegre, todos sorriem apressados para deixar o acampamento pronto. O clima está ótimo. O sol brilha forte, mas ao cair da tarde, uma brisa faz baixar a temperatura. De longe e de perto, pessoas vão chegando. Amigos se reencontram. Passarão dias felizes, certamente!

A programação inclui tempo para aventura, com uma caminhada até uma cachoeira, visita à caverna e duas atividades-surpresa. Ovo na laranja, pão no espeto e arroz no bambu fazem parte do cardápio. Cada pessoa recebe duas cordas, e logo terá início a aula de “nós e amarras”.

Afinal, do que estamos tratando? De um acampamento para desbravadores? Pode ser. Um Campori? Talvez. Então, continue nos acompanhando. No Fogo

do Conselho, um pastor conta a história de como um bilhete escrito por uma desbravadora de onze anos foi para ele um poderoso estímulo para se aproximar dos juvenis e inspirá-los à missão.

O bilhete

“Ao querido pastor...

“A partir de hoje, você é meu pastor. Antes eu não prestava atenção ao seu sermão. Você parecia ser uma pessoa

importante, mas distante. Eu o respeitava, mas não o amava.

“Mas hoje, no acampamento do clube, quando o senhor me ajudou a atravessar o rio, no fim da caminhada, percebi sua mão me guiando e protegendo. Foi um gesto simples, mas descobri que você se interessa por nós, que se importa com o que nos importa, que gosta do que nós gostamos. Por isso, eu o escolhi para ser sempre o meu pastor. Depois do meu batismo, quero que seja o orador na minha festa de 15 anos, daqui a quatro anos. Passados alguns anos, quando chegar o dia, quero que faça meu casamento. Quando, no futuro, eu tiver um filho, desejo que você faça a dedicação.

“Muito obrigada por seu meu pastor.

“Sua ovelha...”

Com o bilhete na mão e em lágrimas, o pastor termina o Fogo do Conselho dizendo: “Este é mais que um papel, mais que um trunfo; é meu troféu. Quando estou desanimado, é fonte de entusiasmo e ânimo. Disse Jesus: ‘O que fizerem a um destes pequeninos, fazem a Mim.’”

É hora de dormir. No início do dia seguinte, o grupo participa da meditação. Em seguida, as atividades físicas: alongamento, caminhada, corrida. Todos estão divididos em Unidades e, perfilados, participam de alguns movimentos de ordem unida. Depois do desjejum, reúnem-se para uma série de palestras, nas quais são abordados vários assuntos relacionados ao trabalho com juvenis.

Pastori

Acaso, você já descobriu o que está acontecendo? É um pastori, atividade de dois ou três dias, no meio da semana, que reúne pastores de uma Associação ou Missão em um acampamento. Ali eles realizam uma série de atividades ao ar livre, a fim de ser motivados, treinados e capacitados para o apoio ao Clube de Desbravadores.

O ministério pastoral é desenvolvido em múltiplas áreas da igreja e fora dela.

Ele inclui atividades dos vários departamentos, reuniões, comissões, campanhas de evangelismo, visitação, organização de pequenos grupos, entre outras. E o Clube de Desbravadores é uma ferramenta poderosa de conservação e evangelização. O pastori é a melhor atividade para ajudar pastores na liderança e no apoio aos clubes de desbravadores do distrito. Ele pode ser dividido em quatro partes: 1) conhecimento técnico; 2) conhecimento prático; 3) aventura e companheirismo; 4) inspiração com experiências compartilhadas.

Na parte técnica, os pastores veem a história do ministério juvenil, o surgimento dos clubes de desbravadores, didática das classes regulares, necessidades dos juvenis, como pregar para desbravadores, filosofia de acampamento, objetivos do ensino de nós e amarras, ordem unida, especialidades técnicas de sobrevivência e primeiros socorros. Também aprendem a levar juvenis à decisão, evangelismo juvenil, evangelismos indireto, projetos comunitários com o clube, como fundar um clube, posicionamento de bandeiras, dicas para realizar um atraente batismo de Primavera.

Durante as tardes, no tempo reservado ao conhecimento prático, os pastores são envolvidos em aprendizado de nós e amarras, prática de ordem unida, cumprimento do cartão, cumprimento dos requisitos do Cartão de Líder para Pastores, montagem e desmontagem de acampamento, como acender fogo sem o uso do fósforo, cozinhar pelo menos duas refeições com a Unidade.

Em algumas horas da tarde ou da noite, juntos, fazemos atividades de aventura, a fim de fortalecer o companheirismo e adquirir novas habilidades. As atividades podem ser rapel, tirolesa, exploração de cavernas, *rafting*, caminhada noturna, pista-fio, banho de cachoeira, travessia de um lago com mochila-boia, escalada de montanhas, exploração de uma ilha, canoagem, observação de estrelas, ou arborismo.

Como última atividade, à noite, todos

se reúnem ao redor de uma fogueira. Uma ou duas músicas são cantadas pelo grupo. Em seguida, um pastor compartilha alguma experiência inspiradora, e o encontro termina com oração. Esse é o Fogo do Conselho, o momento para inspirar e compartilhar experiência dos pastores junto aos respectivos clubes.

Celeiro de batismos

Desejamos que os pastores se sintam inspirados para que continuem apoiando as atividades dos clubes. Com esse propósito, compartilhamos histórias de outros pastores sobre juvenis que, durante um acampamento ou campori, tomaram a decisão para o batismo, e desbravadores que decidiram se tornar pastores. Evidentemente, não é possível realizar todas as atividades em um pastori. Somente algumas delas são escolhidas para cada evento. O programa deve ter espaço para interação e descontração entre os pastores.

Salvação e serviço são os dois principais objetivos dos desbravadores. Por sua vez, o pastori tem como fundamento desafiar e acompanhar os clubes, para que continuem salvando e servindo. O Clube de Desbravadores é grande celeiro de batismos e fábrica de líderes da igreja. Esses são apenas dois fatores que ressaltam a importância de envolver pastores nos clubes, bem como a importância da realização de pastoris.

Depois de uma singela cerimônia de encerramento, com a entrega dos trunfos, o acampamento é encerrado com oração. O companheirismo entre os pastores, a quebra da rotina ministerial por três dias, as aventuras em meio à natureza, o compartilhamento de experiências do ministério e a ênfase na salvação de nossos juvenis tornam inesquecível esse acampamento. O pastori termina. Então, começa um ministério mais perto dos desbravadores, a fim de guiá-los na caminhada para o Céu. **IV**



Cortesia do autor

A escolha de um ministério

Autor descreve os caminhos para formação da identidade ministerial no adventismo



Embora a mensagem, a organização e outros fatores tenham desempenhado papel vital no desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o papel do pastor tem sido pouco mencionado. Entre 1848 e 1850, José Bates e Tiago White contribuíram para o núcleo da estrutura inicial da denominação. Havia 51 pastores no movimento adventista

sabatista, de 1846 a 1863. Na época da organização da igreja, em 1863, havia 31 pastores ativos. Perto de 1881, eram contados 276 pastores.¹

O período de 1863 a 1881 deve ser considerado o início da identidade ministerial adventista do sétimo dia. O grupo de pastores fundadores, aqueles que, à semelhança de Tiago White e José Bates, foram

preponderantes na fase inicial entre 1840 e 1850, foi seguido por uma segunda geração que incluía pastores que se converteram. Os pioneiros adventistas sabatistas foram compelidos a proclamar a mensagem adventista.

Este artigo lança luz sobre um aspecto importante da eclesiologia adventista do sétimo dia, ao examinar o desenvolvimento

do seu ministério, desde 1863 até 1881, ano que coincide com a morte de Tiago White. Durante esse tempo formativo, muitos precedentes foram estabelecidos sobre a natureza e o papel do pastor, o relacionamento dele com outros membros da igreja, seu sustento financeiro e a prática da ordenação pastoral entre os adventistas.

Desafios

Dos 51 pastores adventistas ativos entre 1846 e 1863, 14 participaram do reativamento milerita. Entre os que tinham algum tipo de filiação denominacional, muitos foram ligados a algum ramo do metodismo (14 pastores ou 25%). Esses foram seguidos por crentes filiados a uma das ramificações batistas (dez pastores, ou 19%), incluindo pelo menos um que era batista do sétimo dia.² Dois grandes líderes do movimento, Tiago White e José Bates, eram pastores ordenados da Igreja Conexão Cristã, ramo do movimento restauracionista comprometido com a volta à pureza da igreja do Novo Testamento. Havia também pelo menos um pastor egresso da Igreja Congregacionalista.³ Os primeiros pastores adventistas do sétimo dia refletiam a vasta diversidade dos antecedentes religiosos e socioeconômicos nos quais o adventismo nasceu.⁴

Durante o fim dos anos 1850 e início de 1860, líderes como Tiago White enfrentaram dois desafios. O primeiro veio na forma de alguns ministros que argumentavam ser legítimos clérigos adventistas, como pretexto para solicitar doações de insuspeitos membros da igreja. Esses indivíduos eram apenas golpistas. Muitos deles enganaram os primeiros adventistas durante um tempo em que os genuínos pastores cuidavam do próprio sustento ou dependiam da generosidade dos irmãos para ajudar nas despesas de viagens.⁵

O segundo desafio apareceu na forma de pastores que apostatavam. Assim, Moisés Hull se tornou espírita, B. F. Snook e W. H. Brinkerhorff formaram a ramificação "Partido Marion". Alguns não

apostataram, porém, como J. B. Frisbie, simplesmente desanimaram e renunciaram ao ministério. Tais perdas reduziram o número de pastores adventistas durante os anos 1860.

Cada situação era extremamente problemática. Uma vez que eles se afastavam, o modelo típico de ação era usar a influência para atrair pessoas que permaneciam na igreja. Esses problemas levaram Tiago White, em 1871, a aconselhar que os membros da igreja checassem as credenciais dos pastores.⁶

Identidade ministerial

Portanto, a organização da igreja foi decisiva na formação da identidade ministerial nos primórdios do adventismo.⁷ Os pastores eram credenciados pela Associação local.⁸ Parte do propósito da Associação era prover um mecanismo para aspirantes ao ministério por meio do qual eles recebiam uma "licença ministerial".⁹ Dos aspirantes era esperado tipicamente que estabelecessem congregações. Por volta de 1869, havia suficientes pastores, o que levou ao estabelecimento de dois níveis. Depois de adquirir experiência, o jovem pastor recebia uma "credencial ministerial" junto à ordenação, como prova do reconhecimento de seu chamado ao ministério evangélico.

Com o crescimento da igreja, também crescia a necessidade de pastores. Durante os anos 1860, cartas publicadas na *Review and Herald* continham apelos para que os pastores visitassem membros isolados das igrejas. Era comum que os crentes passassem meses, ou anos, sem visita pastoral. Alguns pastores realizavam, mensalmente ou trimestralmente, reuniões para membros de determinadas regiões. Esses encontros refletiam as primeiras reuniões pietistas do evangelicalismo do século 18.¹⁰ Eram oportunidades que recriavam as "feiras santas" da Escócia.¹¹ Nesses encontros, o pastor podia pregar tanto quanto possível, e os cultos geralmente eram concluídos com batismos e

Santa Ceia. Essa era considerada especial "ordenança do advento" que expressava fé na eficácia do sangue de Cristo junto à ordem de continuar a celebrá-la até a segunda vinda. Assim a Ceia refletia esses dois aspectos da teologia adventista: olhar o passado e olhar adiante.¹²

Mas a vida era frágil naquela época. Muitos pastores sucumbiam a doenças, o que apenas reforçava a necessidade de ajuda ministerial. De 1846 a 1863, 18 pastores já não estavam ativos. Desses, três se afastaram por motivo de apostasia; o restante não ministrava por motivo de saúde precária ou velhice. A principal causa de morte, de acordo com obituários em publicações denominacionais, era tuberculose (quase 80% dos casos). Mesmo a adoção da mensagem de saúde pouco fez para reduzir as taxas dessa doença. Assim, uma das principais atividades dos pastores, junto à pregação itinerante, era officiar funerais. Mas, com tão poucos pastores adventistas, os membros da igreja eram aconselhados a recorrer à ajuda de outros pastores evangélicos.

O trabalho básico do pastor era duplo: assegurar-se de que a igreja local funcionasse apropriadamente, e evangelizar. O primeiro aspecto era cumprido pela garantia de que a igreja estava organizada no âmbito local. Como resultado, foi desenvolvida uma estrutura básica, entre 1863 e 1865: o líder espiritual da congregação responsável pelas atividades semanais era escolhido como ancião.¹³ Um diácono cuidava do bem-estar físico da congregação, e um escrivão administrava as finanças, além de manter os relatórios das comissões e a lista oficial dos membros. A menos que a igreja fosse muito grande, apenas um ancião e um diácono eram necessários.

A única exceção, pelo menos até 1881, foi a igreja de Battle Creek, que tinha dois anciãos para uma congregação com mais de 400 membros. Durante esse tempo, o ancião e o diácono foram ordenados. Se um diácono ordenado se tornasse ancião, deveria ser ordenado novamente. Somente

um pastor adventista ordenado podia ministrar a ordenação.¹⁴ Adição de membros à igreja local somente poderia ser feita por voto unânime da congregação.¹⁵

A mais detalhada descrição do trabalho do pastor adventista data de 1873. Nesse documento, ele é admoestado a examinar os relatórios da igreja, conferir a lista de membros e certificar-se da condição espiritual deles, agir apropriadamente quanto aos que estiverem em apostasia, escrever cartas aos membros ausentes e conhecer os interessados. Os pastores também devem celebrar as ordenanças da igreja, examinar os livros da tesouraria a fim de conferir a exatidão das anotações e encorajar a prática da mordomia cristã. Também devem promover a assinatura de periódicos da igreja, encorajar os membros a apoiar os esforços institucionais da igreja (naquele tempo a igreja estava empenhada em estabelecer o *Instituto da Reforma de Saúde*). Não devem descuidar a visitação às famílias e oração nos lares, nem deixar que os pobres fiquem sem literatura.¹⁶

Em outra descrição, os pastores foram admoestados a dirigir comissão de nomeações, ao visitar as igrejas. Frequentemente, havia “igrejas difíceis”, de modo que o pastor era a pessoa neutra para ajudar a acalmar disputas entre os membros. Conforme as primeiras orientações, o pastor escolhia a comissão de nomeações apontando “dois ou três irmãos de bom julgamento que com ele nomeavam os candidatos... e essa nomeação devia ser ratificada por três quartos [sic] dos votos desde que nenhuma objeção válida fosse feita por aqueles que não votaram afirmativamente”. Os membros da igreja eram animados a votar secretamente em uma cédula.¹⁷

Assim, de 1863 a 1873, a identidade ministerial estava intimamente ligada ao evangelismo e à igreja local. A tarefa primária do pastor era pregar o evangelho e realizar campanhas evangelísticas. Isso era particularmente verdadeiro para jovens aspirantes ao ministério. Ao mesmo tempo, o papel do pastor estava intimamente

ligado à eclesiologia e à vida da igreja local. Enquanto trabalhavam, os pastores eram responsáveis pela manutenção da ordem.

Crescimento ministerial

As deserções de pastores notáveis ligados à expansão do trabalho apenas acen-tuaram a necessidade de mais pastores. De 1869 a 1873, Tiago e Ellen White apelaram repetidamente aos jovens a fim de que se preparassem para o ministério. Essa foi uma razão significativa pela qual os líderes da igreja apoiaram o empreendimento educacional de Goodloe Harper Bell, iniciado em 1872, que culminou com o estabelecimento do Colégio de Battle Creek em 1874. Um corolário disso foram as aulas de Bíblia ministradas por Uriah Smith, editor da *Review and Herald*, aos pastores e respectivas esposas da região. Isso se tornou tão popular que o casal White o animou a viajar pela Califórnia e Nova Inglaterra para treinar pastores. O livro de Smith, *Biblical Institutes*, foi o primeiro livro-texto de Teologia para a primeira geração de pastores adventistas, e servia como referência a respeito das crenças da Igreja.

Em resposta aos repetidos apelos, uma geração de jovens tomou a decisão pelo ministério. Essa onda de novos pastores decolou em 1871, quando o número de aspirantes excedeu pela primeira vez o número de pastores ordenados. Os anos 1870 testemunharam duas grandes ondas nesse sentido: a primeira, de 1871 a 1873; a segunda, de 1877 a 1879.

Ellen G. White dirigiu uma série de admoestações aos pastores durante os anos 1870. Ela e o esposo recebiam que os jovens pastores não apreciassem o espírito de sacrifício que caracterizou os pioneiros. Suas cautelas em relação aos jovens pastores, especialmente em 1874 e 1875, e novamente em 1879, levaram a limitar licenças ministeriais para os aspirantes. Consequentemente, o número de candidatos diminuiu. Aparentemente, a maioria dos líderes da igreja levou muito a sério seus conselhos a respeito do sagrado papel

dos pastores e a necessidade de treiná-los. Como resultado, os líderes restringiram a concessão de licenças. Por sua vez, Tiago e Ellen White chamavam não apenas pastores, mas “obreiros” que tivessem o senso de sacrifício necessário para ter sucesso no ministério.

A rápida expansão de pastores durante os anos 1870 produziu novos desafios. Um dos problemas era quanto ao título que deveria ser dado a eles. O título de reverendo foi rapidamente descartado. Tiago e Ellen White se referiam aos clérigos adventistas como “ministros” e, menos frequentemente, “pastores”. Mas o casal estava mais preocupado de que fossem “obreiros”. Tiago, por exemplo, frequentemente se referia ao papel do “ministro”, mas descrevia-se como “pastor” da igreja de Battle Creek, embora estivesse muito ausente por causa das exigências de sua função de líder.¹⁸

Os problemas dos anos 1860 voltaram à tona durante os anos 1870. Embora o número de pastores crescesse rapidamente, ainda havia falta de pastores. Os obituários nos anos de 1870 mostram que pastores de outras denominações realizavam funerais de adventistas. Os membros eram encorajados a convidá-los, desde que fossem de igrejas que não tivessem doutrinas diferentes.

Considerando que os adventistas do sétimo dia adotaram novos princípios de estilo de vida, como reforma de saúde e vestuário, mais desafiador era o problema de pastores “adeptos do hábito de fumar”. A questão foi encaminhada à “Comissão de Resoluções”, que propôs o seguinte: “É desaconselhável a nossas igrejas permitir pastores de outras denominações que sejam adeptos do uso do fumo, ou que sejam declaradamente hostis a pontos importantes de nossa fé.”¹⁹ Embora a atuação de pastores de outras denominações fosse um paliativo enquanto a igreja crescia, novas expectativas aliadas aos princípios de estilo de vida requeriam a formação de uma identidade ministerial adventista distintiva.

De 1875 a 1881, a identidade ministerial adventista amadureceu como que tardiamente. Líderes de Associações determinaram que todos os pastores enviassem relatórios regulares, muitos dos quais eram publicados nos periódicos denominacionais. Os pastores foram instruídos a procurar exemplares do *Robert's Rules of Order*, a fim de que pudessem conduzir apropriadamente reuniões de negócios da igreja.²⁰ A compreensão e aplicação de regulamentos amenizariam os problemas das igrejas locais, que também deveriam eleger oficiais anualmente.²¹ Se os pastores não pudessem obter instrução formal, em 1881 foi iniciada a prática de leituras orientadas.²²

Ordenação

Talvez a prática mais importante relacionada aos pastores adventistas do sétimo dia seja a da ordenação. Os ministros pioneiros eram ordenados. Assim, a primeira questão no desenvolvimento da identidade ministerial adventista dizia respeito à ordenação. Em 1867, Tiago White argumentou que a ordenação, à semelhança do batismo, “quando feito pela pessoa apropriada, uma vez é suficiente, se o candidato não apostatar”.²³ Nossa pesquisa identificou, entre 1863 e 1881, dois exemplos de pastores ordenados mais de uma vez. Embora isso fosse aparentemente uma opção, parece que os primeiros adventistas reconheciam a validade da ordenação conferida por outras denominações.

Isso mudou à medida que os aspirantes ao ministério se demonstravam dignos da função. Aparentemente, demoravam quatro a seis anos de trabalho até a ordenação. De acordo com nossa pesquisa, as primeiras ordenações ocorreram em 1872, o mesmo ano em que Ellen G. White recebeu credenciais ministeriais (ainda que não fosse ordenada). Pode ser que tenha havido ordenações antes de 1872, mas a pesquisa foi limitada às informações da *Review and Herald*. As 117 ordenações ocorridas entre 1872 e 1881 indicam que essa era uma prática uniforme.²⁴ Em todas as

descrições, a cerimônia era um evento sagrado e solene. O programa incluía um sermão, contendo aspectos de admoestação pessoal à fidelidade, seguido pela oração de imposição das mãos, pelos ministros participantes, sobre o pastor a ser ordenado. Então, seguiam-se as boas-vindas ao novo pastor e a extensão da “mão direita da comunhão”, em reconhecimento à sua condição especial.

Observações

Repetidamente, Tiago White advertiu que os pastores não se prendessem às igrejas. Raramente eles permaneciam mais que dois ou três anos em um lugar. Muito frequentemente, trabalhavam como itinerantes entre as igrejas; isso porque a primeira tarefa a eles designada era o evangelismo. Pastores e membros das igrejas que não compartilhavam a fé enfraqueciam espiritualmente. Os líderes da igreja reconheciam que havia um equilíbrio no qual o pastor era responsável pelo bem-estar espiritual do rebanho, mas não devia fazer o trabalho que era dever do rebanho. Esse duplo foco entre supervisão e evangelismo mostra a tensão que caracterizava a vida e o trabalho dos primeiros pastores adventistas.

Além disso, os pioneiros adventistas eram pragmáticos, e logo perceberam que a necessidade de reconhecer os pastores contribuiu para a necessidade de organização denominacional. Os líderes chegaram a esse objetivo ao emitir credenciais por meio das Associações. Assim, a autoridade para aprovação de candidatos ao ministério foi colocada além da igreja local. Era muito fácil os pioneiros adventistas serem enganados por golpistas ou dissidentes. Com o afastamento de vários pastores, os anos 1860 e 1870 testemunharam o aumento de novos pastores que receberam licença ministerial. A habilidade de compartilhar a fé era vista como indicador do chamado de Deus. Com o tempo, os líderes desenvolveram outros meios de treinar pastores, todos intimamente ligados à educação

adventista. Os pioneiros acreditavam que esse tipo de educação aumentaria a efetividade dos pastores. Assim, esses pastores deviam ser separados para o ministério evangélico por meio da ordenação. Esse era o reconhecimento do chamado divino que confirmava o sagrado lugar do pastor na eclesiologia adventista. **M**

Referências:

- ¹ Ver Michael W. Campbell, *Compendium of Seventh-day Adventist Ministers 1863-1881* (Manuscrito não publicado, 2013).
- ² Conexão Cristã: Tiago White e José Bates. Metodista-Episopal: David Arnold, Harry G. Buck, Samuel Cranson, J. B. Frishe, Nathan Fuller, John Howlett, J. N. Loughborough, Moses Hull, B. F. Snook, Washington Morse e Frederick Wheeler. Metodista-Wesleyana: John Byngton, Batista: J. H. Waggoner, R. J. Lawrence, A. C. Bordeau, D. T. Tourdeau, John Fisher, A. S. Hutchins, Stephen Pierce, T. S. Steward e A. Stone. Batista do Sétimo Dia: R. F. Cottrell. Congregacionalista: Ezra A. Poole.
- ³ Pastores ativos no reavivamento milerita: José Bates, M. E. Cornell, R. J. Lawrence, David Arnold e Washington Morse.
- ⁴ *Review and Herald* 24/10/1871, p. 148.
- ⁵ *Ibid.*, 15/10/1872, p. 144.
- ⁶ *Ibid.*, 22/08/1871, p. 76.
- ⁷ D. J. B. Trim, *Ordination in Seventh-day Adventist History* (2013); <http://www.adventistarchives.org/ordination-in-sda-history.pdf>.
- ⁸ *Review and Herald* 26/05/2863, p. 205.
- ⁹ *Ibid.*
- ¹⁰ Thomas S. Kidd, *The Great Awakening: The Roots of Evangelical Christianity in America* (New Haven, CT: Yale University Press, 2007), p. 30, 31.
- ¹¹ Leigh Eric Schmidt, *Holy Fairs: Scotland and the Making of American Revivalism*, 2ª ed. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Pub., 2001).
- ¹² Michael W. Campbell, *Adventist Review* 22/10/2009, p. 26-28.
- ¹³ *Review and Herald* 13/01/1876, p. 11.
- ¹⁴ *Ibid.*, 16/08/1864, p. 96.
- ¹⁵ *Ibid.*, 06/06/1871.
- ¹⁶ *Ibid.*, 24/06/1873, p. 13.
- ¹⁷ *Ibid.*, 28/10/1873, p. 160.
- ¹⁸ *Ibid.*, *Review and Herald* 08/08/1871, p. 60.
- ¹⁹ *Ibid.*, 14/10/1880, p. 253.
- ²⁰ *Ibid.*, 30/09/1880, p. 237.
- ²¹ *Ibid.*, 04/01/1881, p. 11.
- ²² *Ibid.*, 20/12/1881, p. 395.
- ²³ *Ibid.*, 06/08/1867, p. 120.
- ²⁴ *Ibid.*, 21/11/1878, p. 164.



Gentileza do autor

Ensino e explicação da lei

Deus necessita de pessoas que estudem as Escrituras, que as expliquem, ensinando-as com tal poder que motivem outras pessoas a crescer na fé



© georgemuresan / Fotolia

Entre as atividades mais frequentes no templo e nas sinagogas judaicas estavam a leitura e a explicação da lei de Deus, feitas pelos rabinos para o povo. Depois da volta do cativo

babilônico para Jerusalém, a nova geração havia perdido a fluência na língua hebraica, razão pela qual necessitava de tradutores e pessoas que explicassem o texto original para o conhecido aramaico. Assim,

o capítulo 8 do livro de Neemias relata que o sacerdote Esdras e os levitas começaram a ler, por causa do pedido dos “filhos de Israel” a fim de que entendessem as Escrituras.

A palavra *meforash*, que destaca a principal atividade dos levitas pós-exílio, é encontrada em Neemias 8:8, verso-chave do presente estudo. Essa palavra é entendida de diversas maneiras, dependendo da tradução. Alguns léxicos e dicionários a traduzem como advérbio; outras fontes, como participio ou infinitivo constructo. As perguntas que procuraremos responder neste artigo são as seguintes: Qual seria a melhor forma de traduzir e entender a referida palavra? Quais são suas funções e semelhanças nos contextos imediato e mediato? Quais eram as principais atividades dos levitas e suas implicações para os sacerdotes que ministram no século 21?

Análise do texto

O capítulo 8 do livro de Neemias está dividido em três partes: A primeira, dos versos 1-8, é o tema deste estudo; a segunda (versos 9-12) e a terceira (versos 13-18) revelam o que aconteceu após o relato da primeira parte. De acordo com a versão *Almeida Revista e Atualizada*, o texto de Neemias 8:8 assim está escrito: “Leram no livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia”; e a tradução literal do idioma hebraico para o português diz: “E leram no rolo da lei de Deus explicando, para colocar sentido, e entenderam sobre a leitura.”¹ Muitas versões trazem a palavra *meforash* como advérbio – “claramente”, “distintamente”. Porém, estando ela no participio, que define as atividades dos levitas, deve ser entendida como “traduzindo” ou “explicando” a lei.

Neemias não perdeu tempo em seus propósitos de congregar o povo em um só lugar. Logo depois do término da construção dos muros de Jerusalém, o povo se juntou na praça, uma plataforma de tamanho considerável, diante da Porta das Águas (Ne 8:1), perto do templo, e pediu que Esdras pegasse o Livro da Lei de Moisés. “Embora esse não fosse um impulso repentino, era claramente um desejo geral, e, nesse sentido, espontâneo,

não uma formalidade imposta pela liderança.”²

Assim, Esdras e os levitas leram e explicaram o livro da lei de Deus, perante o povo, desde a alvorada até ao meio-dia. Passado esse grande momento, o povo chorou de tristeza, sendo então consolado e motivado a se regozijar.

Nessa passagem, o verbo “ler” é a tradução do termo *qarah*, cujo sentido básico é chamar, embora em muitos contextos signifique ler em público, frequentemente, em voz alta. Provavelmente, essa forma de recitação das Escrituras se mostrasse cansativa e monótona para aqueles que não entendiam, como era o caso das crianças. Por isso, acredita-se que o público reunido na praça fosse composto de pessoas que podiam compreender o idioma hebraico ou que suportassem um longo período de monotonia e explicação em aramaico.³

A interpretação tradicional da passagem em questão tem sido que Esdras traduziu ou parafraseou o texto hebraico em aramaico, o que teria facilitado melhor entendimento por parte dos judeus que haviam retornado de Babilônia. O texto não permite afirmar que tivesse havido uma tradução direta; porém, entende-se bem que houve uma explicação, pois essa era a função dos levitas e rabinos: transmitir a Palavra de Deus às pessoas.⁴

Lições

Tendo isso em mente, podemos extrair algumas lições das atividades dos levitas no tempo de Esdras, e sua aplicação no ministério pastoral nos dias atuais.

Autoridade das Escrituras. A tradição oral⁵ já era bem conhecida, mas teve sua força ainda mais realçada por meio da ênfase que lhe foi dada por Esdras e seus auxiliares. Essa também deve ser nossa prática, hoje.

Amor pela leitura da Palavra. Os filhos de Israel aceitavam o livro da lei como Escritura Sagrada, não em virtude de algum decreto que Esdras e os levitas

tivessem promulgado, mas porque seu conteúdo arrebatava os corações.⁶

Lei de Deus. É possível perceber claramente que a lei de Deus era um padrão de fé e comportamento. Neemias 8:8 é de grande importância para a teologia do caráter de Deus, conforme revelado por Seus mandamentos.

Pregação e ensino da Palavra. Deus necessita de pessoas que estudem as Escrituras, que as expliquem, ensinando-as com tal poder que motivem outras pessoas a crescer na fé. Repetidas vezes as Escrituras mencionam a necessidade de pessoas que sejam separadas para ajudar o crescimento espiritual dos seus irmãos. Acaso, estamos nós, pastores, inspirando, treinando e capacitando o “sacerdócio real” a fazer esse trabalho? Estamos pregando profundamente a Bíblia, ou apenas nos limitando a comentários superficiais?

Templo. O templo é um lugar em que as pessoas buscam a Deus, ouvem a explicação de Sua Palavra e a entendem. Há, na Bíblia, o conceito do Templo como centro de encontro do povo com Deus. Assim, além do encontro entre irmãos de fé, a igreja deve ser um lugar central de estudo das Escrituras Sagradas.

Que o Senhor nos conceda cada vez maior esclarecimento sobre Sua Palavra e que O honremos por meio do compromisso de apresentá-la e ensiná-la com fidelidade! **TM**

Referências:

¹William J. Holladay, *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2010), p. 424; Bruce Waltke, M. P. O'Connor, *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2006), p. 619; Joüon, Y. Muraoka, *A Grammar of Biblical Hebrew* (Roma: Biblical Institute Press, 2006).

²Derek Kidner, *Esdras e Neemias: Introdução e Comentário* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1985), p. 113.

³D. J. A. Clines, *Ezra, Nehemiah, Esther* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publ., 1992), p. 195.

⁴Ibid., p. 184.

⁵Ibid., p. 185.

⁶J. D. Douglas (organizador), *O Novo Dicionário da Bíblia*, 3ª edição (São Paulo, SP: Vida Nova, 2006), p. 197.



William de Moraes

Doutrina e profecia no púlpito

“A obra do pastor não está completa enquanto ele não fizer seus ouvintes sentirem a necessidade de uma transformação de coração”

Algum tempo atrás, vi afixado no púlpito de uma igreja este pensamento: “O púlpito cristão não é um trono; não ‘domina’ o povo. Não é tribunal; não condena. Não é tenda de leilão; não compra nem vende. Não é palco; não se exhibe. Mas é a mesa de Deus para almas famintas, o bálsamo para corações feridos, o apoio para quem carrega fardos e aflições. O mais elevado serviço do ministério requerido pelo grande Pastor é: ‘Apascenta as Minhas ovelhas!’”

Apascentar ovelhas é cuidar delas, protegê-las, conduzi-las, alimentá-las, entre outras coisas, e o uso do púlpito é um dos meios de se cumprir essa tarefa. Com a exposição substancial da Palavra, o rebanho é encorajado, sustentado, protegido, guiado e revigorado. Tudo isso é necessário para o crescimento espiritual dos membros e para levá-los a um desempenho relevante no cumprimento da missão confiada por Deus à igreja.

Indubitavelmente, nutrir o rebanho é um

dos propósitos primordiais da pregação. Por isso, o pensamento acima fala do púlpito como sendo “a mesa de Deus para almas famintas”. É triste quando os ouvintes voltam para casa tão famintos espiritualmente como quando de lá saíram para ir à igreja. Como diz Orley Berg, “quando o membro deixa seu confortável lar para assistir ao culto, seja no sábado de manhã ou no meio da semana, ele deve ter certeza de que o pastor gastou tempo para se preparar bem, e que terá alguma coisa importante a dizer, incluindo algo palpitante e novo, extraído da Palavra de Deus. Ele [o pastor] pode falhar em outras coisas e até passar despercebido; mas não pode se permitir falhar nessa questão”.¹

Em artigo nesta revista, já ponderei que um calendário de púlpito leva o pastor a oferecer uma nutrição espiritual balanceada, enquanto o ajuda a superar a tendência de pregar apenas temas favoritos com sacrifício de outros importantes e necessários.² Tem que haver equilíbrio na pregação. Duncan afirma que “uns pastores pregam somente doutrina; isso faz da congregação apenas cabeças, semelhantes a monstros. Outros pregam somente experiências, o que torna as ovelhas apenas coração – outro fenômeno. Ainda outros pregam somente prática, e os membros se tornam apenas mãos e pés, resultando noutra classe de monstros. Esforcem-se, pois, em pregar a doutrina, a experiência e a prática, de modo que, pela graça de Deus, seus ouvintes tenham cabeça, coração, mãos e pés, e sejam perfeitos em Cristo”.³ A graça de Jesus e por meio dEle é o critério final da pregação apropriada e oportuna. O pensamento inicial destas ponderações toca essa realidade, quando qualifica o púlpito de “cristão”, o que envolve o apelo evangélico do Novo Testamento, bem como doutrinas e material profético consignados em toda a Bíblia.

Cristianismo e pregação

Esse tríplice envolvimento – apelo evangélico, doutrinas e material profético

– é condizente com o próprio significado de cristianismo. Portanto, a fim de consolidar o púlpito adventista como o foro no qual é proclamada a mensagem autenticamente bíblica, é fundamental determinar o que é cristianismo.

Uma conceituação de cristianismo é própria quando se considera seus dois sentidos: *essencial* e *decorrente*. O segundo sugere diferentes conceitos, que, tomados em seu todo dão forma e conteúdo à sua essencialidade, a qual é primeiramente cristológica; então, soteriológica. A essencialidade do cristianismo se resume na fórmula “cristianismo é Cristo”, como a análise de conceitos decorrentes o comprovam.

Conceito filosófico. Quando é definido filosoficamente, cristianismo é tomado como a religião dos cristãos, e seria comparável a qualquer outra grande religião do mundo: budismo, islamismo e outras. Porém, não fazemos justiça ao cristianismo se meramente o conceituarmos em termos filosóficos, posto que a fé avança para além da razão, ainda que a primeira não seja contrária a esta. É claro que cristianismo é uma religião, mas, por natureza, é mais que isso.

Conceito revelacional. Cristianismo é tanto religião como revelação, ou, na ordem prioritária, revelação e religião. A primeira, porque se origina no que Deus faz pelo homem; portanto, ressalta as profecias e seu cumprimento. A segunda, porque mostra como o homem deve reagir à ação de Deus, o que ressalta as doutrinas bíblicas. Tal ação é particularmente observada na pessoa de Jesus, sendo considerada em seu propósito último: restaurar a humanidade à comunhão com Deus. Assim definido, o cristianismo oferece a solução para o pior problema do Universo: o pecado.

Conceito eclesiológico. A igreja integra o conceito *orgânico/institucional* do cristianismo. A comunidade dos fiéis efetiva o ideal cristão, que deve permear a sociedade. Mas não é próprio confundir cristianismo com cristandade, já que a igreja, no sentido bíblico, é mais que a sociedade

cristã. Igreja e cristianismo não se equivalem plenamente. A primeira é um elemento essencial do segundo, mais restrito em seu escopo e atribuição. Ela incorpora o cristianismo, faz por viver seus princípios, mas não é tudo o que ele representa.

Conceito doutrinal. Cristianismo pode também ser definido doutrinariamente, em termos das confissões de fé formuladas no transcurso da era cristã, comuns na pretensão de se fundamentarem na verdade, mas distintas em particularidades oriundas de diferentes interpretações dela. Não cabe aqui discutirmos as diferenças doutrinárias das várias confissões, mas precisamos reconhecer que uma doutrina só é válida se estiver fundamentada plenamente nas Escrituras, a única segura regra de fé e prática do cristianismo. Não podemos igualmente restringir o cristianismo a um corpo doutrinário, ainda que inteiramente bíblico. Implica realidade maior, embora o inclua.

Conceito ético. Próximo ao doutrinal, o conceito ético toma o estilo de vida ensinado e exemplificado por Jesus, como expressão do cristianismo. Inegavelmente vive o cristianismo quem copia o modelo de vida legado por seu Fundador. Ser cristão é fazer o que Jesus fez; é ser o que Ele foi. Daí, o valor da pregação doutrinária e profética, o qual se destaca ao se admitir que doutrina, ética e profecia inferem mais naturalmente o sentido primordial de cristianismo, embora também não expressem tudo o que ele é.

Por esse ângulo, cristianismo é uma religião que envolve doutrinas e cumprimento profético; mas vai além, salientando a atuação do Espírito Santo que gera fé no pecador e lhe propicia viver a própria vida de Cristo (Gl 2:20). Somente viveremos a vida de Jesus, normatizada por Seu ensino, se Ele mesmo viver em nós. Cristianismo aqui é salvífico, para então se revelar ético, num estilo de vida em harmonia com a Bíblia. Antes de exemplo, Cristo tem que ser Salvador pessoal, como estabelece o conceito experiencial de cristianismo.

Conceito experiencial. Vida cristã autêntica começa e prossegue com a aceitação de Jesus como Salvador e Senhor. Pela fé, os recursos divinos são colocados ao alcance do cristão. Arrepentido, ele recebe o perdão dos pecados; justificado, ele tem paz com Deus. Pelo Espírito Santo, ele é gerado para uma nova vida de justiça e santidade; membro do corpo de Cristo (a igreja), ele desfruta do companheirismo com seus irmãos. Com novo senso de valor e missão, ele se torna uma bênção para a família, os vizinhos, a comunidade, a igreja e o mundo; e a vida do reino divino se torna sua vida, seu estilo de vida sob o domínio do amor. Que experiência! Acaso, poderia faltar em nossos púlpitos a exposição de tal assunto?

Cristianismo cristológico e soteriológico

Portanto, cristianismo é matéria de cristologia (doutrina da pessoa de Cristo) e consequente soteriologia (doutrina da salvação por meio de Cristo). É cristológico por ter em Cristo seu fundamento e conteúdo. Não havendo Cristo, não há, absolutamente, cristianismo. Cada coisa que é cristianismo o é em Cristo. Se concebido como filosofia, Ele é a "sabedoria de Deus" (1Co 1:24). Se entendido como religião, Ele é o meio de ligação com Deus (Jo 14:6); sendo compreendido como revelação, Ele é o cumprimento essencial da profecia (Mt 5:17). Percebido como igreja, Ele é Sua cabeça; e ela, Seu corpo (Cl 1:18). Concebido como sistema doutrinal, ou estilo de vida, Ele encarna as duas coisas (Jo 1:14). Assim, Cristo é a pedra de esquina e substância de todo o edifício cristão.

Igualmente soteriológico, o cristianismo envolve um processo completo de revelação, reconciliação e restauração da comunhão entre Deus e o homem. Aqui, entram definitivamente as profecias e doutrinas. As primeiras, porque procedem da

revelação ou, melhor, são a própria revelação que desvenda o plano da redenção e chama pecadores a se valerem dele. As segundas, porque normatizam a vida cristã. Portanto, ao contrário de excluir doutrinas e profecias, o púlpito adventista as supõe, considerando serem ambas componentes essenciais do cristianismo.

“Quando colocamos a cruz no centro, cada setor do ensino cristão da Bíblia se ajusta devidamente como raios de uma roda. Convém que toda doutrina e prática da igreja seja exposta como uma série de passos sucessivos para andar ao lado do Senhor.”

Naturalmente, há um conjunto de ensinamentos bíblicos que a igreja deve incorporar e comunicar. A grande comissão estabelece que a multiplicação de discípulos é fruto do ensino (Mt 28:20). Doutrinação é fundamental.

Por outro lado, doutrinas e profecias se relacionam mutuamente. Para começar, várias doutrinas peculiares são, no mínimo, confirmadas na nossa maneira também peculiar de interpretar certas profecias. Tomemos a guarda do sábado como exemplo. Quando a contrastamos com a guarda do primeiro dia da semana, valemo-nos particularmente de Daniel 7 e Apocalipse 13. Quando anunciamos a doutrina basilar do adventismo, a do santuário, recorremos a Daniel 8. Como pregar sobre

escatologia, a doutrina dos últimos acontecimentos, sem nos valerem das profecias? Assim, doutrinas e profecias seguem associadas.

A importância da pregação doutrinária e profética se deve ao fato de que, uma vez convertido, o pecador deverá crescer no conhecimento e na prática da vontade de Deus. Caso contrário, sua vida não corresponderá à dinâmica experiência da salvação, o que será uma lamentável incoerência. Pecado, exatamente aquilo de que ele foi salvo, é desarmonia com a vontade de Deus (1Jo 3:4). E as profecias incluem o benefício adicional de confirmar a fé, fortalecer o ânimo e assegurar que Deus conduza a História e a igreja, e o fará, incluindo nossa própria vida, até a vitória final. Não é por acaso que, “quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, os cristãos terão uma experiência religiosa inteiramente diferente”,⁴ ocorrendo “entre nós grande reavivamento”.⁵

Portanto, é impróprio pregar Cristo como Salvador sem referência às doutrinas e profecias, apresentadas não apenas nos evangelhos, mas em toda a Bíblia. Isso seria o mesmo que apresentá-Lo como Salvador, sem exaltá-Lo como Senhor. As profecias sustentam essas duas qualidades de Cristo, enquanto a igreja, ao viver as doutrinas, confessa tê-Lo recebido e ser sujeita a Ele.

Evitando extremos

O sentido essencial do cristianismo permeia os conceitos derivados de seus elementos. Em qualquer aspecto, dentro do que é verdadeiramente bíblico, cristianismo é Cristo. Então, ao ocupar o púlpito, o pastor se empenhará em aplicar tais princípios, evitando a todo custo o unilateralismo, ou seja, os extremos da pregação sem doutrinação e estudo profético, ou da pregação doutrinária e profética, sem o apelo salvífico do evangelho.

Por se tratar de algo mais subjetivo, o primeiro caso será um risco para o viver autenticamente cristão. O crente não doutrinado e alheio ao conhecimento profético será mais vulnerável às pressões circunstanciais do mundo e estará propenso a abdicar de determinados aspectos da vida cristã, se não de todos, tão logo a dúvida e o desinteresse se façam presentes. O resultado será desastroso; na melhor das hipóteses, a mornidão laodiceana que, possivelmente seja pior que a apostasia total. Além disso, multiplicam-se os falsos profetas, pregadores oportunistas, os dissidentes, que encontram em crentes despreparados um terreno fértil para disseminar seus erros.

Como alguém poderá viver de acordo com a vontade de Deus, se desconhecer o manual dessa vontade, a Bíblia? Como será testemunha da verdade, se pouco sabe sobre ela? Como amadurecerá na fé, visando à semelhança com Cristo, se não desenvolver a salvação “com temor e tremor” (Fp 2:12)? Como avançará “para o alvo” (Fp 3:14)? “Os pastores devem apresentar a firme palavra da profecia como o fundamento da fé dos adventistas do sétimo dia.”⁶ Pode ser alegado que na classe batismal já se estudam doutrinas e temas proféticos. Porém, é inegável que precisam de contínuo repasse; doutrinas e profecias aguardam novas “descobertas”!

A vida cristã é marcha para a frente e para o alto; é batalha que exige adestramento e amadurecimento. Artur H. Stainback, líder batista, escreveu em favor da pregação doutrinária (e eu incluiria a profética), dizendo, entre outras coisas, o seguinte: “É triste ter que afirmar que muitos membros de nossa igreja são infantis em questão de doutrina. Jamais teremos uma igreja adulta, amadurecida, ou um cristianismo forte, enquanto não tivermos cristãos amadurecidos. Para sermos amadurecidos, precisamos conhecer doutrina. Preguem doutrina e estarão limpando o pó dos assentos [não é verdade que nada melhor que o

estudo das profecias para entusiasmar a igreja?].”

“Acomodem-se em seus sermões para ser agradáveis aos homens, e estarão levando sua eficácia em Cristo. Adoquem seus sermões adaptando-os ao mundo de que os homens gostam, e estarão levando a congregação à diabetes espiritual. Preguem ideias populares e seu rebanho procurará o caminho do mundo e trará os entulhos dele para suas portas. Preguem as grandes doutrinas e deixem que vejam como Deus é rico em Sua Palavra, e conhecerão Deus e Suas riquezas.”⁷

A segunda situação, pregação doutrinária e profética sem o apelo salvífico do evangelho, resultará em mero proselitismo, alargando o espaço para membros convencidos da verdade, mas não convertidos a ela. O resultado será presunção dosada com exclusivismo, radicalismo, triunfalismo, criticismo, farisaísmo, mundanismo e outros “ismos” deploráveis.

Não podemos nos esquecer de que não somos apenas um movimento apocalíptico dos últimos dias. Somos uma igreja cristã, evangélica, comissionada a cumprir uma missão profética, a proclamação da última mensagem de misericórdia ao mundo, segundo consta em Apocalipse 14:6-12. Uma proclamação do “evangelho eterno” (v. 6).

Ellen G. White lembra que “às vezes homens e mulheres, sem estar convertidos, decidem-se em favor da verdade devido ao peso das provas apresentadas”.⁸ Convencer sem converter, essa não é a função do púlpito. “Deus quer desviar a mente da convicção lógica para uma convicção mais profunda, elevada, pura e gloriosa... Alguns pastores erram em tornar seus sermões inteiramente argumentativos.”⁹

É claro que o povo de Deus tem assuntos doutrinários e interpretação profética, ambos incomuns, sobre o que pregar; os membros em geral e os interessados em particular devem assimilá-los e vivê-los. Mas há de se ministrá-los corretamente, como Cristo fazia. Ele não procurava o

mero assentimento, mas visava ao coração. Com efeito, quando uma pessoa abre o coração para receber o Salvador, o assentimento às doutrinas e a compreensão das profecias serão facilitados. Por isso nos é dito que “a obra do pastor não está completa enquanto ele não fizer sentir a seus ouvintes a necessidade de uma transformação de coração”.¹⁰

O processo correto de doutrinação e estudo profético exige que doutrinas e profecias sejam apresentadas cristocentricamente, razão pela qual somos instados a apresentar “a verdade como esta é em Jesus”.¹¹ Shuler afirma que “quando colocamos a cruz no centro, representando a justificação e a salvação, cada setor do ensino cristão da Bíblia se ajusta devidamente como raios de uma roda... Cristo é o centro da roda da verdade. Convém que toda doutrina e prática da igreja remanescente seja exposta como uma série de passos sucessivos para andar ao lado do Senhor. Semelhante método conduzirá muito mais pessoas à verdade”.¹²

Providencialmente, Ellen G. White afirmou: “A verdade como esta é em Jesus subjugará os mais fortes oponentes, levando-os cativos a Jesus Cristo.”¹³ Amém! **M**

Referências:

- ¹ *The Ministry*, janeiro de 1970, p. 48.
- ² J. C. Ramos, “A dimensão pastoral da pregação”, *Ministério*, julho-agosto de 2000, p. 14.
- ³ John Duncan, “Pregação equilibrada”, *Ministério*, maio-junho de 1963, p. 23.
- ⁴ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 114.
- ⁵ *Ibid.*, p. 113.
- ⁶ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 148.
- ⁷ Arthur H. Stainback, “Necessidade de pregação doutrinária”, *Ministério*, novembro-dezembro de 1974, p. 7.
- ⁸ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 159.
- ⁹ *Ibid.*, p. 157, 158.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 159.
- ¹¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 191.
- ¹² J. L. Shuler, “A roda da verdade”, *Revista Adventista*, maio de 1968, p. 5, 6.
- ¹³ General Conference Bulletin, 25/02/1895, p. 337.

Clinton Wahlen
 Diretor associado do
 Instituto de Pesquisa
 Bíblica da Igreja
 Adventista, Silver Spring,
 Estados Unidos



Cortesia do autor

Por que estamos aqui?

“Compreendi que, no fim do período dos 1.260 anos, em 1798, Deus suscitaria um povo em claro contraste às igrejas caídas de Babilônia”

Nasci e cresci nos Estados Unidos. Até onde minha lembrança alcança, eu era ateu. A ciência era meu deus. A busca pelo conhecimento era minha paixão. Tudo isso começou a mudar, entretanto, em um dia de verão, quando alguém me deu o livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White. Comecei a ler o capítulo intitulado “A origem do mal” e, pela primeira vez, o cristianismo me pareceu ter sentido. Antes que o verão passasse, eu já havia aceitado Jesus Cristo como meu Salvador e fui batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Antes de eu ter lido *O Grande Conflito* e compreender as profecias de Daniel e Apocalipse, a Bíblia não me parecia real. Meus amigos cristãos, no tempo do Ensino Médio, me falavam: “Jesus levou seus pecados e morreu na cruz por você. Você não deseja aceitá-Lo como Salvador e ir para o Céu? Do contrário, você irá para o inferno!”

Então, eu ouvia a respeito de Jesus, Céu e inferno, mas tudo aquilo era para mim uma linguagem estranha. Nada tinha sentido. Uma vez que aprendi a verdade tal qual é em Jesus, não apenas ela fez sentido, mas minha vida nunca mais foi a mesma. Compreendi que Deus suscitou o movimento adventista em um tempo especial

para um propósito especial na história da Terra: dar ao mundo uma mensagem profética e proclamar a breve vinda de Cristo. Sou feliz, nos sentidos espiritual, intelectual, emocional e social, por ser um adventista do sétimo dia.

Estabelecida para durar

Do pequeno e insignificante começo na metade do século 19, o movimento adventista cresceu e se tornou uma igreja com cerca de vinte milhões de membros em mais de duzentos países. E continuamos crescendo. Esses fatos são surpreendentes quando os comparamos com outro produto do movimento milerita, a Igreja Cristã Adventista, que tem 125.600 membros em 35 países.¹

Por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem sido tão bem-sucedida? Não é simplesmente pelo fato de que, em relação às outras denominações evangélicas, tenhamos mais compreensão da verdade. A vasta maioria das nossas doutrinas é compartilhada com outras denominações cristãs. Os batistas do sétimo dia, por exemplo, descobriram o sábado bíblico no início dos anos 1600, mas o número deles atinge 50 mil em 22 países.

Ao buscarmos compreender a razão do êxito da Igreja Adventista, pode ser valioso analisar o *best-seller* intitulado *Built to Last: Successful Habits of Visionary Companies* [Feito para Durar: Hábitos de Sucesso de Empresas Visionárias], escrito por Jim Collins e Jerry Porras. Nesse livro, eles descrevem empresas que foram “feitas para durar”. Os autores pesquisaram 18 empresas, como Boeing, Sony e *American Express*, e as compararam com suas rivais, a fim de encontrar “o que verdadeiramente torna excepcionais essas empresas”.² Centralização em valores, adaptação a mudanças, sem jamais abandonar seus fundamentos, e estabelecer “alvos audaciosos, grandes”, são algumas das qualidades que as têm habilitado a persistir e prosperar.

Embora não sejamos uma empresa, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, como povo, foi estabelecida para durar muito mais que quaisquer empresas que Collins e Jerry pudessem descrever, porque o movimento adventista foi suscitado por Deus. O movimento adventista surgiu para durar não apenas por gerações, mas pela eternidade! Surgiu para durar através do último grande conflito!

A fim de nos ajudar e melhor nos lembrar, vamos analisar cada fundamento sobre o qual a Igreja Adventista foi estabelecida:

1) Fé alicerçada na Bíblia; somos guiados pela Bíblia, a Palavra que permanece para sempre (Is 40:8).

2) Compreensão das profecias, conforme preditas por Daniel (Dn 8:8-10; Ap 10).

3) Informação privilegiada – o grande conflito e como teve início (Ap 11:19; 12).

4) Lei e evangelho, perfeitamente harmonizados pelo antitípico dia da expiação (Ap 14:6-12).

5) Tempo certo – o adventismo surgiu no tempo exato, conforme especificado na profecia (Ap 12:17).

Fundamento bíblico

“A Palavra de Deus é o alicerce sobre o qual têm de se erguer nossas esperanças do Céu.”³

Tão logo eu descobri que a Bíblia se constitui a Palavra inspirada de Deus, concluí que a coisa mais importante a fazer era compreender esse livro. Embora ele tenha sido escrito por diferentes autores em um período de 1.500 anos, encontrei não apenas sabedoria divina, mas relatos históricos e sobre a criação, inigualáveis em sua qualidade e elegância. Também descobri que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma missão semelhante à de João Batista, fundamentada em Isaías 40. É interessante notar que a passagem focaliza mais a segunda vinda do que a primeira (ver Is 40:3-5, 9, 10).

Essa passagem também enfatiza a prioridade das Escrituras sobre as ideias humanas que são semelhantes à relva: “A relva murcha, e as flores caem, mas a Palavra de nosso Deus permanece para sempre” (Is 40:8). Na mesma linha de pensamento, as palavras de Ellen G. White repetem: “Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. As opiniões de homens ilustres, as deduções da ciência, os credos ou decisões dos concílios eclesiásticos,

tão numerosos e discordantes como são as igrejas que representam, a voz da maioria – nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, deveriam ser consideradas prova em favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro ‘Assim diz o Senhor!’¹⁴

Compreensão profética

Temos uma compreensão das profecias relacionadas ao fim dos tempos, de acordo com o que foi predito por Daniel.

Daniel 12:8-10 menciona um povo que, no fim do tempo, compreende claramente as coisas que nem ele mesmo entendeu. Apocalipse 10 descreve esse tempo em termos de um pequeno livro, fechado e selado, como tendo sido aberto. Deus suscitou o adventismo em um tempo especial para um propósito especial no fim da história desta Terra. Não somos uma igreja a mais. Fomos suscitados por Deus para advertir as pessoas contra o recebimento da marca da besta. Nos meus tempos de juventude, eu ficava surpreso de que outras igrejas parecessem incapazes de explicar o significado dessa marca.

A visão historicista de interpretação profética leva logicamente ao adventismo do sétimo dia, o que pode ser uma razão pela qual os protestantes consideram que muitas predições apocalípticas foram cumpridas no passado (preterismo) ou ainda serão cumpridas no futuro (futurismo). Para muitos protestantes, a reunificação com Roma é vista como sendo mais e mais atrativa. Por outro lado, lamentavelmente, alguns adventistas parecem ter começado a avaliar a unidade com outros cristãos mais significativamente do que proclamar a mensagem para este tempo.

Trinta e seis anos atrás, muitas coisas a respeito das quais eu li em *O Grande Conflito* pareciam impossíveis de acontecer. Tive que aceitá-las pela fé. Agora tudo mudou! Naquele tempo, eu não podia imaginar como os Estados Unidos, descritos em Apocalipse 13 com aparência de

cordeiro, poderiam vir a falar como dragão. A separação entre Igreja e Estado era clara. Religião e política permaneciam diplomaticamente à parte. Além disso, vigilância de cada movimento das pessoas, poderia existir em regimes totalitaristas, mas nunca podia acontecer nos Estados Unidos.

Quão longe chegamos em tão pouco tempo! Agora, sob o argumento do interesse da segurança nacional, os Estados Unidos estão prontos a usar todos os meios, mesmo à custa de seus próprios ideais e princípios, para espionar seus cidadãos. Três décadas atrás, eu não podia imaginar o grau em que tantos protestantes hoje se mostram dispostos a abandonar suas crenças fundamentadas na Bíblia.

Informação privilegiada

Temos uma extraordinária fonte de informação privilegiada, por meio de nossa compreensão do grande conflito.

Ao ler *O Grande Conflito*, descobri que o mal foi um intruso no Universo de Deus, embora isso não fosse surpresa para Ele. Ao contrário, a possibilidade de pecado era o risco que o Deus de amor estava disposto a correr, a fim de que pudesse haver verdadeira liberdade. Entendi que Deus não obriga ninguém a ser salvo – mas também que ele não espera para sempre! As profecias da Bíblia foram seladas somente até o “tempo do fim”, e nos mostram onde estamos na história da Terra. A profecia de Daniel 9 imprimiu em mim a integridade da Bíblia com sua acurada descrição dos eventos históricos centenas de anos à frente e seu cumprimento no tempo exato. Especialmente impressionante para mim foi a profecia dos 2.300 dias proféticos, apontando para a purificação do santuário celestial em 1844.

Apocalipse 11:19 aponta para este tempo: “Então foi aberto o santuário de Deus nos Céus, e ali foi vista a arca da Sua aliança.” Isso é informação privilegiada! Temos uma visão do interior do santuário no templo celestial e da arca do concerto. Esse verso marca uma virada significativa no livro de Apocalipse.⁵ Assinala o início da

dramática obra de Deus perto do fim da história terrestre. Introduce o grande conflito entre Cristo e Satanás e o impacto devastador dos ataques satânicos, quando o verdadeiro povo de Deus esteve na obscuridade, enquanto uma forma apostata de cristianismo manteve as rédeas do poder. Compreendi que as atrocidades da história cristã não eram atribuíveis a Deus e que, no fim do período dos 1.260 anos, em 1798, um povo remanescente seria suscitado por Ele como um claro contraste às igrejas caídas de Babilônia.

Lei e evangelho

Proclamamos a mensagem do evangelho para o tempo do fim, a qual harmoniza perfeitamente lei e evangelho, justiça e misericórdia.

A primeira mensagem angélica, encontrada em Apocalipse 14:6, 7, proclama o “evangelho eterno” em termos da “hora do Seu juízo [de Deus]”. Esse não é um novo evangelho, porque é chamado de “evangelho eterno”. Mas, à semelhança do “novo” concerto sobre o qual o evangelho é fundamentado, há alguma coisa nova. Esse novo elemento é urgência porque, como diz o anjo de Apocalipse 10:6, “não haverá mais demora!”. O fim está próximo.

Essa declaração, ligada à proclamação do capítulo 14, anuncia que a hora do juízo de Deus é chegada. Muitos cristãos pensam no dia do juízo como o dia da vinda de Jesus. De fato, essa também foi a compreensão dos adventistas mileritas, até que eles descobriam a chave que abriu o mistério de Daniel 8:14. Por meio da compreensão da obra de Cristo no santuário celestial como nosso Sumo Sacerdote, eles entenderam um fato importante. Considerando que Jesus afirmou que, em Sua vinda, Sua recompensa será dada “a cada um segundo as suas obras” (Ap 22:12), o Juízo deve preceder esse evento.

Além disso, os adventistas entenderam que o julgamento celestial era simbolizado pela purificação do santuário no ministério do santuário terrestre, no Dia da Expição.

Esse era o único dia no calendário religioso em que todo israelita devia participar. Ignorar esse dia era impensável, porque isso significava ser eliminado de Israel, excluído do povo de Deus. Esse era também o único dia do ano observado à semelhança do sábado semanal. Havia sábados cerimoniais, que significavam dias festivos, feriados. O Dia da Expição, entretanto, era o único dia que devia ser observado como o sétimo dia da semana, em total repouso. Nenhuma obra era feita. Não é coincidência que, no dia antitípico da expiação ocorrendo agora, o sábado do sétimo dia tenha mais importância do que nunca.

Talvez surpreendente para alguns seja o fato de que, embora o evangelho do fim do tempo esteja conectado com o Juízo, o evangelho ainda se constitui as boas-novas, porque Jesus em breve virá! Porque Ele está vindo para trazer justiça, endireitar todos os erros e recompensar Seu povo fiel. O evangelho é boa-nova porque pecado e pecadores não mais existirão, não mais haverá sofrimento, tentação nem dor. Até mesmo o tempo de prova é uma boa-nova. Por quê? Porque somos informados de que, como resultado do Juízo, nossos pecados serão “levados para longe, na terra do esquecimento” e não seremos capazes de “trazê-los à lembrança”.⁶ Que melhores novas poderíamos receber?

Passada a crise final, João viu um povo: “Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus” (Ap 14:12). Isto é o que faz a mensagem do terceiro anjo: essa mensagem continua como mensagem de boas-novas, uma mensagem de esperança e de fé, a fim de preparar um povo para a vinda do Senhor.

No tempo certo

O adventismo surgiu no tempo predito.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento profético, mais especificamente, do tempo da profecia. Foi através da compreensão da profecia dos 2.300 dias/

anos que viemos à existência. Como povo, surgimos no cenário do mundo no tempo predito na profecia bíblica. O remanescente do tempo do fim devia surgir depois do período dos 1.260 dias/anos de apostasia cristã predito em Daniel 7:25 e terminado em 1798. Esse período é mencionado duas vezes em Apocalipse 12, no espaço de nove versos (6 - 14). Então, surge o remanescente do tempo do fim (Ap 12:17). A visão na qual João viu a arca no lugar santo do santuário celestial destaca a centralidade da lei para o fim dos tempos, ao identificar o remanescente como os “que obedecem aos mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17, ARA).

Que o tempo designado para o surgimento do remanescente havia chegado foi confirmado por Deus por meio de sinais nos céus (Mt 24:29; Ap 6:12, 13). Aparentemente por desígnio, esses sinais foram vistos em muitas partes do mundo no qual Deus estava chamando à existência um povo especial para uma missão especial.

Diante de tudo isso, podemos ver que Deus levantou a Igreja Adventista do Sétimo Dia por uma razão. As profecias de Daniel e Apocalipse formam o impactante quadro de um Deus no controle da História. Um quadro revelador de que Ele suscitou um remanescente para cumprir Sua missão na Terra. Que Ele nos conceda graça a fim de que aceitemos humildemente e cumpramos essa tarefa humanamente impossível! **M**

Referências:

¹ *Wikipedia*, acessado em 20/04/2014, en.wikipedia.org/wiki/Advent_Christian_Church.

² Jim Collins and Jerry I. Porras, *Built to Last: Successful Habits of Visionary Companies* (Nova York: Harper, 1994).

³ Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais* [MM 1968], p. 106.

⁴ _____, *O Grande Conflito*, p. 595.

⁵ Ver Kenneth A. Strand, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), v. 6, p. 57, 58.

⁶ Ellen G. White, *Spirit of Prophecy* (Battle Creek,



Gentileza do autor

O guia **24 horas** do **pastor**

“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a Palavra da verdade”



A existência da Bíblia, como livro para o povo, é o maior benefício que a humanidade já recebeu. Qualquer tentativa para depreciá-la é um crime contra a humanidade.”¹ Essa frase é atribuída ao filósofo prussiano Immanuel Kant. Declarações assim fortalecem as evidências da relevância das Escrituras Sagradas para a sociedade. Quando contemplamos um filósofo racionalista que

compreendeu a importância da Bíblia, uma pergunta é inevitável: Estamos nós, como pastores, cientes da importância das Escrituras, não apenas como um Livro de leitura e reflexão, mas como manual de orientações para nossos expedientes ministeriais? Nossas ações pastorais são realmente marcadas pela Bíblia?

Do ápice da alegria do nascimento e dedicação de uma criança, ao cimo da tristeza

de um culto fúnebre, lá deve estar o pastor com seu sermão pronto, fundamentado nas Escrituras. Nesse sentido, o desafio é tão intenso quanto a necessidade do rebanho em ouvir a Palavra. Independentemente da reunião, via de regra, o pastor justifica suas diretrizes em comissões, seja na aplicação de disciplina eclesial, liberação de verbas para algum projeto, sempre fazendo uso de argumentos bíblicos.

Isso acontece também nas palestras para jovens ou adultos. Ou seja, suas ações têm como fonte epistemológica as Escrituras Sagradas.

Muitas vezes somos convidados de surpresa para dar alguma mensagem das Escrituras em reuniões. Logicamente, oportunidades desse tipo são estímulos constantes para o estudo da Bíblia. Mas essa necessidade vai muito além dos surpreendentes convites feitos. O pastor precisa estar envolvido, relacionado e comprometido com a Palavra de Deus. No conjunto da ortopraxia ministerial deve-se encontrar o cultivo de uma postura bíblica na adoração, na educação, na saúde, na economia, no governo, liderança ou administração. Faz-se necessário estimar a Bíblia como necessidade real em nosso cotidiano ministerial.

Este artigo se propõe a analisar três pontos que evidenciam a necessidade de mantermos nossas ações pastorais firmemente alicerçadas na Palavra de Deus.

Preparo pessoal

O apóstolo Paulo manifestou sua preocupação com líderes das igrejas cristãs de sua época, no que se referia à Bíblia. Observemos algumas de suas orientações:

“*Maneja bem a Palavra.*” Em 2 Timóteo 2:15, o apóstolo aconselhou enfaticamente o jovem líder Timóteo. Entre muitos conselhos, este merece destaque: “Procure apresentar-se a Deus [...] como obreiro [...] que maneja corretamente a Palavra da verdade.” Em sua exposição sobre esse texto, Warren W. Wiersbe diz o seguinte: “A Palavra é um tesouro que o despenseiro deve guardar e investir. É a espada do soldado e a semente do agricultor. É a ferramenta do obreiro para construir, medir e reparar o povo de Deus.”¹²

A expressão grega traduzida nesse verso como “manejar corretamente” (*orthotomeo*) pode ser interpretada como uma metáfora paulina significando “cortar retamente”, da mesma forma que o lavrador conduz o arado de modo reto, sem

desvios. Para William Hendricksen, o líder que manuseia bem a Palavra “não a muda, não a perverte, não a mutila nem a distorce, nem faz uso dela com um propósito errôneo em mente. Ao contrário, ele interpreta as Escrituras em oração e à luz das Escrituras. Aplica seu sentido glorioso, corajosamente e com amor, a situações e circunstâncias concretas, fazendo-o para a glória de Deus, para a conversão dos pecadores e para a edificação dos crentes”.³

Ele completa: “O manuseio próprio da Palavra da verdade implica a rejeição do que está em conflito com seu conteúdo e significado.”⁴ Talvez isso explique a amalgamação da cultura cristã atual com a cultura da sociedade contemporânea de Paulo.

Nessa orientação paulina podemos extrair diretrizes para que o pastor empregue fidedignamente a Palavra da verdade, que pode ser considerada “testemunho acerca de nosso Senhor” (2Tm 1:8), “evangelho da salvação de vocês” (Ef 1:13), “Palavra de Deus” (2Tm 2:9). Ao considerar esse texto, Hendricksen afirma: “É a verdade redentora de Deus. O modificador da verdade enfatiza o contraste entre a inabalável revelação especial de Deus, de um lado, e o palavreiro sem valor dos seguidores do erro.”⁵

Apego à Palavra fiel. Tito foi outro colaborador que também recebeu orientações pastorais do apóstolo Paulo, a respeito desse assunto: “Apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (Tt 1:9). “Você, porém, fale o que está de acordo com a sã doutrina” (Tt 2:1).

Infelizmente, há o perigo de pregar-mos com a convicção de um Deus real e presente, mas vivermos como se Ele nunca tivesse existido. Norman Champlin explica o termo “apegar”, ou “reter”, da seguinte forma: “No grego, é *'antecho'*, que significa agarrar-se a, dedicar-se a.”⁶ De Tito, como pastor, não se podia esperar menos do que devoção ou entrega à Palavra, tendo em

vista que tanto ele como as comunidades cristãs estavam sofrendo constantes ataques dos hereges.

Preparo constante. O apóstolo Pedro aconselhou: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pe 3:15). Isso implica preparo pessoal, atitude de autoapologética. Robert M. Johnston explica o contexto original desse conselho: “Quando os cristãos se afastaram dos anteriores costumes tradicionais e mudaram seu estilo de vida por motivos religiosos, deviam ser capazes de defender verbalmente sua conduta.”⁷

Esse preparo também implica o preparo da própria igreja. O preparo pessoal do pastor resulta em proteção às suas convicções teológicas, bem como às da igreja. De acordo com Ellen G. White, “Os pastores que trabalham na palavra e na doutrina devem ser obreiros competentes e apresentar a verdade em sua pureza, porém com simplicidade. Devem alimentar o rebanho com forragem limpa, inteiramente joeirada.”⁸

Por meio da apresentação da sã doutrina, cabe aos pastores o dever de defender o rebanho contra heresias. Essa não somente foi a visão do apóstolo Paulo, mas também a de Pedro. A diferença foi que Paulo focalizou a estratégia de como se preparar, enquanto Pedro enfatizou a necessidade do preparo.

Assim, para Timóteo, o conselho de Paulo foi “manejar corretamente”. A Tito, “apegar-se firmemente”; e Pedro realçou a necessidade de o cristão estar constantemente preparado. Portanto, conclui-se que manter a igreja na sã doutrina é o resultado de um trabalho realizado por alguém que maneja bem a Palavra do Senhor, a retém e não negligencia o preparo nela.

Preparo macro da igreja

A igreja é a instituição escolhida por Deus para a proclamação do evangelho em todo

o mundo; a comunidade de fiéis com os mesmos propósitos e filosofia de vida. Para que se mantenha viva e saudável, alicerçada numa perspectiva bíblica, para que seja relevante para a sociedade, a igreja deve ser incólume em pelo menos três aspectos:

Identidade. Elementos como origem profética, características singulares e mensagem peculiar compõem a identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Observe que, caso não possuíssem fundamento bíblico, essas três particularidades indubitavelmente estremece-riam diante das intempéries sociais da cultura e religiosidade em vigor. Logo, aqueles que foram eleitos para exercer função de liderança devem levar ao conhecimento do povo de Deus as bases bíblicas que formam a identidade da igreja. Os membros de nossas congregações precisam conhecer a razão da existência da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sua pertinência na sociedade, em que lugar na Bíblia de modo mais específico suas credenciais são apresentadas. Textos como Daniel 8:14, Apocalipse 3:14-21; 10:2-11; 12:17; 19:10, entre outros que evidenciam e notificam nossa identidade, precisam ser pesquisados. Sobre eles devemos refletir e apresentá-los à congregação.

Não apenas a origem da igreja, mas sua mensagem também é profética. “Ergam os vigias agora a voz e deem a mensagem que é a verdade presente para este tempo. Mostremos ao povo onde nos encontramos na história profética.”⁹ Aqui está um ponto merecedor de atenção especial. Devemos ter profundidade teológica, fugir da superficialidade bem como da homilética filosófica. Os púlpitos das congregações clamam por mensagens proféticas, não necessariamente populares, mas que sejam relevantes, imprescindíveis e essenciais ao contexto profético em que vivemos.

Outro ponto digno de consideração é que, uma explosão de relativismo invade

toda a estrutura intelectual e acadêmica no mundo. Onde há espaço para debate, conceitos, subjetividades, a égide da discussão perpassa a relatividade pós-moderna. A igreja como espaço de ideias, discussões e diálogos não estaria fora dessa influência. Orientações teológicas, principalmente as que estão ligadas à ética, antes consideradas como absolutas, hoje são tidas como relativas. Há propostas de uma nova leitura da Bíblia, citando-se o exem-

“No conjunto da ortopraxia ministerial, deve-se encontrar o cultivo de uma postura bíblica na adoração, na educação, na saúde, na economia, na liderança e administração. Faz-se necessário estimar a Bíblia como necessidade real em nosso cotidiano pastoral”

plo da leitura sociológica, na qual a Bíblia deve ser apresentada de acordo com a comunidade existente, ou o que está mais perto da necessidade social de determinado grupo humano. Tudo isso é defendido por teólogos que um dia levantaram a bandeira do *Sola, Prima e Tota Scriptura*. É a transposição da exegese bíblica para a eisegese humana.

Nossa mensagem profética é absoluta. Por isso, sempre fez parte de nossa identidade. Observe a exposição de Arthur Holmes sobre o que se configura como verdade absoluta: “Dizer que ela é imutável e universalmente a mesma. A verdade

não é absoluta por ela mesma, mas porque provém exclusivamente de Deus único e eterno. Ela está fundamentada na objetividade metafísica da Sua criação. A verdade absoluta aqui sugerida, por outro lado, depende da verdade (ou fé) absoluta particular em Deus, já que podemos confiar em tudo o que Ele faz e diz.”¹⁰

Quando são analisados o contexto atual de nossas igrejas e os constantes ataques à sua doutrina, a negligência na leitura e pesquisa da Bíblia bem como na reflexão a respeito dela, no mínimo, coloca em risco a noiva do Senhor.

Adicionado a tudo isso, existe a influência de um novo modelo de religiosidade nas igrejas. Influenciados pelo cientificismo racionalista e a experiência evangélica, estamos vivendo uma espécie de ateísmo cristão, conforme define Augusto Nicodemus: “Ateísmo cristão revelado por alguém que, ao mesmo tempo, tenta redefini-lo usando linguagem e termos evangélicos. Alguém que, na prática, vive como se Deus não existisse.”¹¹ Essa religiosidade que tem influenciado muitas igrejas é caracterizada por uma experiência na qual a opinião humana sobrepõe a orientação divina, a fé é substituída pela lógica, e a razão substitui a Bíblia. Imersos nesses problemas modernos somos desafiados a voltar nossa atenção para as Escrituras Sagradas. Não podemos nos esquecer de que a mensagem profética é o último comunicado de Deus ao ser humano antes da vinda de Cristo, e esse comunicado é a notícia, o aviso que a humanidade necessita.

Santidade. Em se tratando de seres humanos pecaminosos, falar de santidade parece algo fantasioso. No entanto, esse não é um estado de perfeição absoluta, integridade plena, sob o ponto de vista humano. Paulo notificou aos cristãos coríntios que eles deviam aperfeiçoar a

santidade (2Co 7:1), evidenciando assim que tal experiência era algo a ser continuamente desenvolvido. Ellen G. White atribuiu algumas definições a esse termo: “Não é prova conclusiva de que um homem seja cristão o manifestar ele êxtases espirituais sob circunstâncias extraordinárias. Santidade não é arrebatamento: é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor.”¹²

Viver em santidade é subsistir como alguém separado por Deus e proceder em coerência com os oráculos sagrados. Seríamos mais imitados e menos rejeitados, se permitíssemos que o Espírito Santo nos santificasse. Estaríamos mais relacionados com a verdade (2Ts 2:13) e mais próximos da comunidade (Hb 12:14). “A influência social santificada pelo Espírito de Cristo deve se desenvolver na condução de pessoas para o Salvador.”¹³ A igreja terá sua influência ressaltada a partir do grau de santificação notabilizado por seus membros e seus pastores.

Unidade. Para a igreja, ser incólume na unidade significa ser ileso em sua homogeneidade. Apesar da identidade individual, temos um ponto em comum que é o diferencial e estabelece coesão e harmonia na igreja de Deus. Jesus Cristo, o Ser incomum, é o elemento comum que estabelece harmonia e coesão em qualquer grupo por mais dividido que esteja. Seu *modus operandi* transforma os grupos mais desconexos em verdadeiros blocos monolíticos da fé cristã.

Em João 17, Cristo orou pela unidade entre Seus discípulos de então, bem como entre Seus discípulos de hoje. Por três vezes, Ele pediu ao Pai que os discípulos fossem “um” (Jo 17:11, 21, 22). Algo de suprema importância é a razão pela qual essa unidade deve existir: “Para que o mundo creia

que Tu Me enviaste” (v. 22). A crença na manifestação do Salvador do mundo como homem de Deus está condicionada à unidade da igreja.

Na perícopé que compreende os versos 11 a 22, encontramos o seguinte pedido: “Santifica-os na verdade, a Tua palavra é a verdade” (v. 17). Que mensagem poderosa! Entre a unidade e a santidade está a Palavra de verdade. Como afirmou Edson Luiz Dal Pozo, “Cristo chama todos os Seus discípulos à unidade. A resposta que todo cristão deve dar é o testemunho de unidade nEle. A divisão entre os cristãos é um escândalo e um testemunho contrário diante do mundo. A separação entre os cristãos faz com que Suas palavras caiam em descrédito, sem valor de fé. A unidade que Cristo prega não é fim da diversidade, pois é ela que enriquece o espírito da comunidade”.¹⁴ Portanto, verifica-se que é impossível reputar identidade, santidade e unidade à parte da Palavra da verdade, nas ações ministeriais.

Preparo micro da igreja

Nossa ortopraxia necessita estar fundamentada na Bíblia, considerando que há necessidade de promover conhecimento das Escrituras, tendo em vista o cristão em seu aspecto individual. Quando em momentos de crises, traumas e dissabores, o pastor geralmente se torna o grande conselheiro encorajador do membro da igreja. Por exemplo, um casal perde seu filho saudável, com poucos meses de vida, ceifado por morte repentina. Qual é a fonte de consolo a que os desesperados pais devem recorrer? Onde buscar esperança, senão nas Escrituras Sagradas? Escreveu o apóstolo Paulo: “Tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança” (Rm 15:4).

O que diremos a uma pessoa que vive escravizada, e por isso mesmo atormentada dia e noite, pelos vícios e pelo ceticismo, e clama por liberdade? A saída é recorrer

às Escrituras: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:32). Aos que se encontram em pecado, o salmista ensina o caminho preventivo: “Guardai no coração a Tua Palavra para não pecar contra Ti” (Sl 119:11). Assim, o uso que os pastores fazem das Escrituras tem grande importância para a solução de questões individuais dos membros da igreja.

Não há dúvida quanto ao fato de que, se estivermos mais aprofundados na Bíblia, as pessoas serão mais facilmente atraídas à mensagem de Deus. Como resultado, nossas igrejas estarão cheias de pessoas vivendo mais perto de Deus. Quando pregamos o que não vivemos e pedimos o que não fazemos, nosso trabalho é fundamentado na areia movediça. Jamais podemos nos esquecer desta realidade: a evidência de que somos discípulos de Cristo, fiéis ministros Seus, é concretizada quando demonstramos estar firmados em Sua Palavra. **TM**

Referências:

- ¹ Henry Hampton Halley, *Manual Bíblico de Halley* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2001), p. 23.
- ² Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo* (Santo André, SP: 2006), v. 1, p. 320.
- ³ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*, (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2001), p. 324.
- ⁴ *Ibid.*
- ⁵ *Ibid.*, p. 323.
- ⁶ Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (São Paulo, SP: Editora Candeia, s/d), p. 420.
- ⁷ Robert M. Johnston, *La Biblia Amplificada: Pedro e Judas* (Buenos Aires: ACES, 1999), p. 97.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 163.
- ⁹ _____, *Ibid.*, v. 2, p.323.
- ¹⁰ Arthur F. Holmes, *All Truth is God's Truth* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1977), p. 37.
- ¹¹ Augusto Nicodemus, *O Ateísmo Cristão e Outras Ameaças à Igreja* (São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2011), p. 79.
- ¹² Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 51.
- ¹³ _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 496.
- ¹⁴ Edson Luiz Dal Pozo, *Para que Todos Sejam Um: Estudo Exegético Teológico de João 17:20-26*, tese de mestrado (São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia), p. 10.



Cortezia do autor

Nos passos do Mestre

O exemplo de Jesus Cristo nos impulsiona a evangelizar

Sem que o soubessem, três diferentes povos – gregos, romanos e judeus – acabaram desempenhando papel importante na preparação do mundo para o nascimento de Jesus e a difusão de Seu evangelho. Os gregos difundiram sua língua e cultura no mundo mediterrâneo; transmitiram o interesse pela sabedoria e pelo aprendizado. Filósofos, como Sócrates, Platão e Aristóteles, exemplificaram o amor pela verdade e a importância de buscá-la. Essa abertura a novas ideias foi muito útil aos evangelistas da igreja cristã primitiva.

Os romanos estabeleceram a paz em toda a região do Mediterrâneo, o que não apenas providenciou uma atmosfera de segurança e ordem para que a igreja cristã se desenvolvesse, mas tornou as viagens mais seguras para os primeiros missionários e evangelistas. Por sua vez, os judeus primeiramente estabeleceram sinagogas em quase todas as grandes cidades do Mediterrâneo. Essas sinagogas se tornaram centros de ensino que beneficiavam não apenas os judeus da comunidade, mas também atraíam a atenção dos gentios. Em segundo lugar, os judeus disseminaram o Antigo Testamento na região. Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, os judeus proclamaram sua crença em um único Deus verdadeiro e na vinda do Messias.

Jesus, o evangelista

Então, “quando chegou a plenitude

do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei” (Gl 4:4). Ao exercer Seu ministério, Jesus praticou o evangelismo, tanto pessoal como por meio da pregação pública. Ele foi um Pregador com uma mensagem objetiva, direta, clara: “‘O tempo é chegado’, dizia Ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!’” (Mc 1:15). Embora o Mestre tenha demonstrado e exemplificado equilíbrio no triplice ministério de ensinar, curar e pregar (Mt 4:23), também afirmou ter vindo ao mundo como pregador: “Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá Eu pregue. Foi para isso que Eu vim” (Mc 1:38).

De que maneira Jesus Se relacionou com o evangelismo? Aqui estão alguns exemplos:

- Ele enfatizou a prioridade do evangelismo, ao ensinar que a salvação é o maior bem disponível ao ser humano. Suas parábolas sobre a pérola de grande preço e sobre o tesouro escondido no campo ilustram esse princípio. “O Reino dos Céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo. O Reino dos Céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo o que tinha e a comprou” (Mt 13:44-46).

- Jesus chamou e treinou Seus discípulos, tendo em vista a evangelização do mundo. Antes de lhes dar a grande comissão, enviou primeiramente os doze e, depois, os setenta, com a missão de pregar (Mt 10; Lc 10).

- O estilo de vida mantido por Cristo era evangelístico. Nos evangelhos, há dezenas de relatos sobre pessoas diretamente evangelizadas por Ele. O estudo desses casos revela que Ele aproveitou todas as oportunidades, e contextualizou Sua apresentação da mensagem a diferentes tipos de audiências. Ainda assim, nem todos os que O ouviram O aceitaram como Salvador.

- Aos discípulos o Mestre deu a grande comissão de fazer discípulos e evangelizar. Cada narrativa dos evangelhos e no livro de Atos tem como base a grande comissão (Mt 28:18-20; Mc 16:15; Lc 24:47, 48; Jo 20:21; At 1:8).

Diante disso, não podemos prescindir do evangelismo. É nossa missão, para a qual fomos chamados como pastores e instituídos como igreja. Não podemos apenas *estarevangelistas*; devemos *serevangelistas*, multiplicando-os em todos os níveis da igreja, inclusive na igreja local, por meio do discipulado e do estabelecimento de escolas de evangelismo.

Trabalhem a fim de que seja cumprido entre nós o inspirado princípio de que “todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom viver*, p. 102). **M**

Neila Rabelo Reis*Esposa de pastor, escritora,
diretora do Ministério da Mulher na
Associação Central-Amazonas*

Cortezia da autora

Sozinha na multidão?

**Sugestões para superar
um sentimento que
incomoda bastante a
esposa do pastor**

Faz algum tempo, enquanto eu saía de um casamento, passei a observar as pessoas ao meu redor. Percebi que todas estavam acompanhadas, exceto eu, a esposa do pastor. Uma sensação estranha, nada agradável, invadiu-me. Espantei-a e voltei a sorrir. Ao refletir sobre essa experiência, questionei-me: Como é possível alguém se sentir só, em meio à multidão?

Como seres sociais, estamos sempre cercados por pessoas. Algumas, felizes; outras, nem tanto; muitas, carentes; nem todas, amigas. Contudo, é certo que estaremos cercados por pessoas cujos caracteres distintos contribuem para a formação da nossa comunidade, nesse caso, a eclesial. O líder dessa comunidade, o pastor, é solicitado em diversas ocasiões; e sua rotina é bem dinâmica. Por diversas vezes, nós, esposas de pastores, encontramos-nos sozinhas. Afinal, a igreja precisa de ambos e nem sempre é possível acompanhar o esposo. Além disso, a vida social dos filhos exige da mãe um acompanhamento mais constante, tendo em vista que o pai cumpre o itinerário pastoral e nem sempre lhe é possível ter horários flexíveis. Como se não bastasse, a família pastoral é alvo da atenção dos membros da igreja, que buscam um modelo perfeito de lar, imprimindo à família do pastor essa prerrogativa. Nesse ponto, cabe-nos perguntar: Como podemos evitar que o sentimento de solidão seja alimentado em nossa mente? Como vivermos prazerosamente as experiências do ministério pastoral?

Superação

Existem caminhos rumo à superação. O primeiro ponto a ser considerado é a real importância da função do pastor. Acaso, você se lembra da emoção que sentia ao dizer que seu esposo seria pastor? Que nobre missão! Esse é um dom merecedor de destaque, pois ajuda na condução de pessoas à salvação. “Ele designou alguns [...] para pastores” (Ef 4:11). Não devemos servir como pedra de tropeço à realização dos desígnios divinos. Precisamos fazer crescer em nós a alegria de ver nosso esposo atuando no ministério. Uma boa dica é a esposa procurar se envolver com as programações da igreja, participando ativamente, colaborando de acordo com os dons recebidos, e também incluir os filhos nas diversas atividades, segundo a respectiva faixa etária. Porém, tudo deve ser feito com certa margem para flexibilidade, pois a família pastoral deve acompanhar, sempre que for possível, o esposo e pai, a fim de manter relacionamento saudável com todo o distrito pastoral.

O segundo ponto é o conceito bíblico de mulher, na ocasião em que ela foi criada. Disse o Senhor: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gn 2:18). Se o homem não deve ficar só, é porque precisa de uma companheira idônea, compatível, capaz de se comunicar, ter percepção, a fim de facilitar a compreensão mútua. Além disso, essa companheira deve ser auxiliadora, colaboradora para que os fardos e alegrias sejam compartilhados, e ambos possam ter o prazer da convivência em todas as áreas da vida. Esse foi o plano perfeito de Deus. Como estudiosos de Sua Palavra, precisamos lutar pela construção da atmosfera celestial em nosso lar. Na prática, a esposa do pastor poderá coordenar alguns ministérios, em consonância com o esposo. Certamente, ele se sentirá mais aliviado e os resultados serão altamente positivos. Assim, entenderá bem

o significado da mensagem de Salomão, quando afirmou que “a mulher exemplar é a coroa do seu marido” (Pv 12:4).


Finalmente, destaca-se nossa exclusividade diante de Deus. “Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis” (Pv 31:10). Assim é a natureza da criação de Deus. Sua digital revela unidade na diversidade, ou seja, embora distintos, esposa e esposo podem compartilhar emoções, experiências e objetivos. Evidentemente, isso não significa que devemos nos anular como pessoa, desconsiderar nossos sonhos, anseios e emoções.

Após definidas as prioridades para a vida, devemos ser responsáveis para realizá-las. Podemos ser ótimas esposas de pastores, ajudando-os no ministério do qual também fazemos parte, sem perder a meta de nossa realização como mães, formação acadêmica, entre outras. Tudo depende do planejamento feito. Atualmente, há muitas opções para crescimento intelectual, mesmo que estejamos longe dos grandes centros. São os cursos de extensão, cursos técnicos, graduações e pós-graduações, presenciais ou à distância, cursos online e sites públicos que disponibilizam significativo acervo, desde textos até arquivos em áudio ou vídeo.

Se, apesar de tudo isso, você ainda se sentir sozinha, busque uma solução por meio do diálogo com o esposo. Talvez, a estratégia seja rever como o casal está lidando com a rotina afetiva. Separar momentos exclusivos para os dois, momentos para conversa, interação, jantar à luz de velas e passear de mãos dadas. Aproveite para criar um clima de harmonia e amor, deixando bilhetinhos carinhosos no carro, nos bolsos do terno, no espelho. Diga-lhe o quanto ele é bom no que faz, Lembre-se: o importante não é a quantidade de tempo que passam juntos, mas a qualidade. A família bem nutrida afetivamente estará fortalecida para as duras provas do dia a dia.

A recompensa

A igreja de Deus precisa de nós, e nós precisamos dela. Sempre que nos transferirmos de um lugar para outro, encontraremos amparo, amizade, simpatia e solidariedade nos irmãos. Eles são nossa família espiritual. Às vezes, precisamos deixar nossos filhos nas mãos de irmãs preciosas, que não medem esforços para nos servir. E os momentos de confraternização com eles? Sim, os irmãos em Cristo fazem questão de nossa presença! As excursões com os jovens, os acampamentos divertidos, programações festivas, como aniversários e casamentos, são ocasiões altamente compensadoras. Esse é o espírito da família de Deus. Nada mais justo do que atuarmos significativamente para o crescimento efetivo da igreja.

Enfim, o que importa é nossa iniciativa em buscar desenvolver atitudes favoráveis ao bom andamento da missão de Deus para nós, bem como nossa responsabilidade para com nossa família. Assim, estaremos ajudando a conduzir o rebanho que Deus nos confiou, até que ouçamos dEle mesmo as boas-vindas à eternidade: “Muito bem, servo bom e fiel! [...] Venha e participe da alegria do seu Senhor!” (Mt 25:21). 

Pensando em plantar igrejas

“Sobre todos os que creem, Deus colocou a responsabilidade de fundar igrejas”
(*Medicina e Salvação*, p. 315).

“Novas igrejas devem ser estabelecidas e novas congregações organizadas. Nesta época deve haver representantes da verdade presente em cada cidade e nas mais remotas partes da Terra” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 24).

“Por todas as partes a luz da verdade deve brilhar, para que os corações que agora dormem o sono da ignorância possam ser despertados e convertidos. Em todos os países e cidades o evangelho deve ser proclamado. Igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém-organizadas igrejas” (*Evangelismo*, p. 19).

“Não seja dificultado nem tornado fatigante o trabalho de estabelecer monumentos para Deus em muitos lugares, pelo motivo de serem retidos os recursos necessários” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 132, 133).

“Muitos dos membros de nossas grandes igrejas praticamente nada realizam. Eles poderiam fazer um bom trabalho se, em vez de se aglomerarem, se dispersassem por lugares ainda não atingidos pela verdade” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 244).

“De vila em vila, de cidade em cidade, de país em país, a mensagem de advertência deve ser proclamada, não com ostentação exterior, mas no poder do Espírito, por homens de fé”
(*Evangelismo*, p. 19).





Patês Vegetarianos, para pessoas de paladar refinado.



Aprovado por mais de 45 mil consumidores!

Disponível nos sabores:



Tradicional



Tofu com tomate
100% Orgânico



Azeitona



Champignon



Tofu Mexicano
100% Orgânico

02 ANOS
de validade,
SEM conservantes.

Produto seco,
NÃO necessita
de REFRIGERAÇÃO.

Sem
OVOS

Sem
glúten

Rico em
Fibras

ÔMEGA
6 e 9

50 calorias
por porção

Sem
lactose

NÃO CONTÉM GLÚTEN



ÚNICO PATÊ CERTIFICADO
PELA SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA.

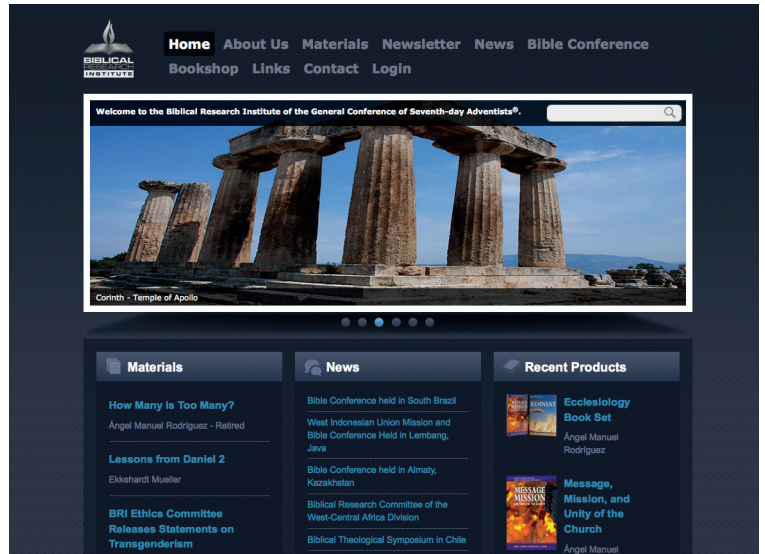
www.superbom.com.br | SuperbomBR | f | You Tube | in | #porqueviverebom

Qualidade de vida é
Superbom

Veja na Internet

www.adventistbiblicalresearch.org

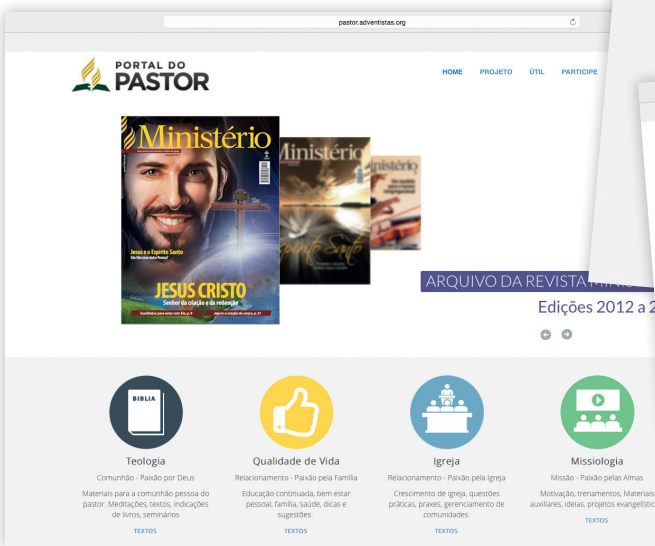
Esse é o site do *Biblical Research Institute* (Instituto de Pesquisa Bíblica) da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estabelecido em 1975, pela Comissão Administrativa da Associação Geral da Igreja, o Instituto tem suas raízes ligadas à Comissão de Defesa da Literatura, criada em 1943, e à Comissão Sobre Pesquisa e Estudo Bíblicos, criada em 1952. O Instituto de Pesquisa Bíblica é dirigido por teólogos adventistas que trabalham na sede mundial da Igreja. Seu propósito é promover o estudo e prática da teologia e do estilo de vida adventistas, conforme compreendidos pela Igreja mundial. Além disso, também provê recursos para a administração e os coordenadores de departamentos da Associação Geral e para a igreja em todo o mundo. Identifica áreas de discussão doutrinária e teológica, buscando acentuar sua compreensão e construir compromisso com as verdades das Escrituras.



Em seu empenho para nutrir e fortalecer a unidade doutrinária e teológica da igreja, o Instituto de Pesquisa Bíblica disponibiliza o boletim *Reflections*, contendo rico material de estudo. A edição do primeiro trimestre deste ano contém assuntos bastante atuais e pertinentes, como ordenação da mulher ao ministério pastoral, casamento e sexualidade em Gênesis, entre outros. O material pode ser acessado neste site: <https://adventistbiblicalresearch.org/newsletter>

www.pastoradventista.org

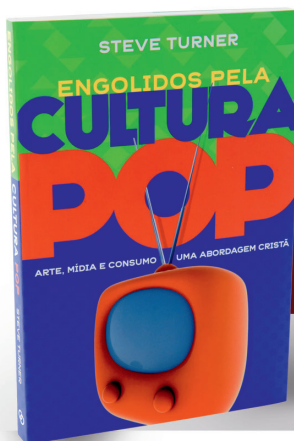
“Portal do pastor” – uma comunidade que reúne pastores adventistas de oito países da América do Sul, empenhados em repartir com alegria o fruto dos dons e talentos que receberam de Deus. Não deixe de acessar esse site!





O GRANDE MOVIMENTO ADVENTISTA – J. N.

Loughborough, Adventist Pioneer Library, www.APLib.org ou contato@aplib.org, 397 páginas.



ENGOLIDOS PELA CULTURA POP – Steve

Turner, Editora Ultimato, Viçosa, MG, tel.: (31) 3611-8500, www.ultimato.com.br; 271 páginas.

O que a apologética é incapaz de realizar, especialmente diante da incredulidade do contexto pós-moderno, é alcançado pela simples narração da história de um povo e sua descoberta das verdades bíblicas. Neste livro, o pastor J. N. Loughborough, testemunha ocular de diversos fatos descritos, apresenta de maneira simples e atrativa, não somente a história do adventismo, mas uma visão bíblica do surgimento desse movimento no contexto do grande conflito.

Ninguém está imune à influência das novas tecnologias, da propaganda, da literatura, enfim, da cultura de nossa época. O que vestimos, o que lemos, o que vemos e como nos movemos pelas ruas, pelas redes sociais e também nas igrejas tem que ver com discernimento espiritual, ou a ausência dele. Steve Turner ajuda o leitor deste livro a fazer diferença entre o modo como a Bíblia enxerga os produtos, e o modo como eles nos são apresentados.



DEUS NÃO ESTÁ MORTO

– Rice Broocks, Vida Melhor Editora S. A., Rio de Janeiro, RJ, tel.: (21) 3882-8200, www.thomasnelson.com.br; 253 páginas



MÚSICA, REVERÊNCIA E ADORAÇÃO – Leandro

Dalla, Relevo Design, Vitória, ES, ledallabs@yahoo.com.br; 240 páginas.

Este é um dos mais concisos e abrangentes livros em favor da existência de Deus e da verdade do cristianismo, escrito nos últimos anos. Citando ateístas de Richard Dawkins a Christopher Hitchens, o autor derruba a tolice do naturalismo fundamentado em Darwin. Rice descreve seus muitos diálogos com incrédulos, responde aos argumentos dos neoateus e provê subsídios para os cristãos que enfrentam ataques dos adoradores da incredulidade.

Adoração é um assunto que está no cerne da vivência de todo aquele que professa servir a uma divindade. É por meio da adoração que o adorador expressa seu conceito teológico da divindade à qual ele serve. Sem dúvida, a música é parte fundamental da adoração. Tendo isso em mente, Leandro Dalla aborda neste livro as principais questões envolvidas na utilização da música nos cultos de adoração e em outras reuniões da igreja.

Chegou o novo site da Revista Adventista

mais notícias

mais artigos

mais fotos

infográficos

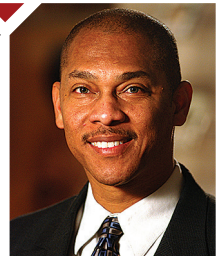
vídeos

colunistas

Douglas Assunção / Imagem: Fotolia



www.revistaadventista.com.br



Cortezia do autor

A professorinha de homilética

Conforme habitualmente fazia no término do culto aos sábados pela manhã, fiquei à porta do templo a fim de cumprimentar os membros da igreja e os visitantes. Como sempre, Torey, uma garotinha de 12 anos, acompanhada pela mãe e dois irmãos, veio me cumprimentar. “Ótimo sermão, pastor!”, disse ela. “Mas você disse uma coisa que não entendi. O que você quis dizer quando falou...?” E fez referência a alguma declaração que fiz durante o sermão.

Fiquei surpreso. Desacostumado com aquele tipo de abordagem imediatamente após o sermão, e desejando cumprimentar outras pessoas que esperavam na fila, tentei apressadamente responder à pergunta e, na tentativa, encontrei-me lutando para explicar o que foi dito no sermão. Finalmente, tendo simplificado a declaração, Torey respondeu: “Agora compreendo. Mas, por que você não disse exatamente isso no sermão?!”

Se ela tivesse dado um soco no meu estômago, isso não teria sido pior que o impacto de sua exclamação.

Aquela crítica inocente e bem intencionada, feita aproximadamente 20 anos atrás, deu início a um inventário que eu não havia planejado para minha pregação. Eu pensava que meus sermões fossem claros e de fácil compreensão; mas, àquela altura fiquei em dúvida se eu estava certo. Como resultado, tenho aprendido algumas lições que considero valiosas para todos os que as lerem aqui.

Jesus é a resposta para o problema do pecado. Embora seja crucial pregar a respeito da difícil condição da humanidade em geral, bem como o pecado e o comportamento pecaminoso que há em cada um de nós, particularmente, compreendo cada vez mais que muitos daqueles que ouvem meus sermões já sabem que são pecadores que lutam com questões que deixariam em choque outras pessoas, caso elas conhecessem as lutas interiores desses ouvintes. A culpa os consome. Eles não necessitam ouvir repetidamente o diagnóstico; necessitam saber a receita de cura! Eles precisam ouvir que Cristo os ama (Jr 31:3), veio salvá-los (Lc 19:10), perdoa-os e os limpa, tão logo eles respondam a Seu convite (1Jo 1:9; Jo 6:37).



Uma menina de apenas doze anos me ensinou a pregar de maneira simples, prática, relevante e compreensível”

Jesus é o Libertador de toda luta. Durante o mês de abril de 2014, tive o privilégio de ouvir dois sermões impactantes: um de Paul Ratsara; outro de Antônio Monteiro. Cada um fez uma exposição bíblica poderosa sobre o modo pelo qual Cristo os manteve durante dias escuros que eles passaram. Todos nós enfrentamos tribulações de dimensão pessoal ou corporativa. Como ministros do evangelho, apresentamos Deus através de Sua Palavra a nossos ouvintes – o Deus que ouve nossos clamores quando nos afligimos e nota nossas angústias quando somos oprimidos ou maltratados.

Uma palavra de auxílio dá sentido à vida em um mundo imperfeito. Admiro Jó, quando considero a maneira pela qual ele conduziu seu caso, apesar de uma série de eventos aparentemente inexplicáveis. Muitas lições podem ser aprendidas do livro que leva seu nome e, entre essas lições, está a verdade de que as forças satânicas têm sido bem-sucedidas no envenenamento de todo elemento da vida e cada fibra da sociedade. Embora encontremos refúgio em lugares como o lar, a igreja e outras instituições cristãs, esses também têm sido manchados.

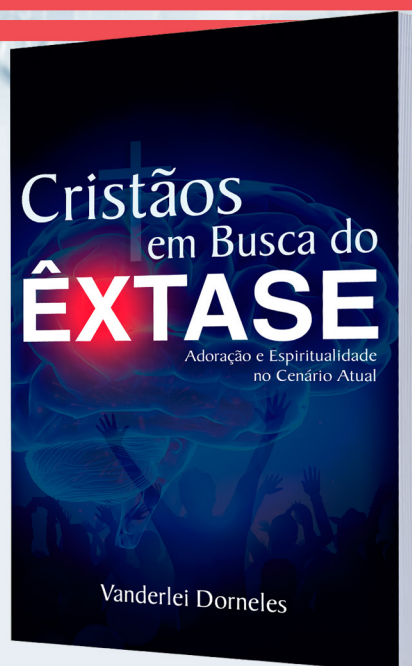
Entretanto, apesar da dor, sombra, das discriminações e de tantas outras evidências da imperfeição que nos cerca e aflige, pregamos uma mensagem de vitória, enraizada na compreensão de que “Aquele que está em [nós] é maior do que aquele que está no mundo” (1Jo 4:4). Não há espaço em nossa pregação para um evangelho autolimpante, ou seja, que esteja livre dos germes de nosso quebrantamento. Em vez disso, a mensagem de Cristo nos mostra como viver neste planeta infectado, embora esperemos os frutos completos da vida eterna.

Cada um de vocês, leitores, poderia contar histórias de lições homiléticas aprendidas – algumas em salas de aula, outras na igreja. Estarei sempre em débito com o professor Calvin Mosley, que me ensinou muito mais do que pregar. E você deve ter seu professor inesquecível. Porém, minha professora favorita de homilética continua sendo aquela menina de apenas 12 anos. Ela me ensinou a pregar de maneira simples, prática, relevante, compreensível. **M**

Willie E. Hucks

Editor associado da revista Ministry

Lançamentos CPB



Cristãos em Busca do Êxtase

Vanderlei Dorneles

Nas décadas recentes, a religião voltou ao centro dos debates em diversos espaços da sociedade e da cultura. É tema de filmes, documentários e pesquisas científicas.

Nas igrejas cristãs, o carismatismo tem se despontado como a característica mais marcante do terceiro milênio.

Este livro discute esse fenômeno religioso contemporâneo, marcado por intensa busca pela espiritualidade.



O Deus de Toda a Graça

Adenilton Tavares de Aguiar

Este é um livro inspirador. Na contramão de uma literatura que oferece apenas respostas triviais para os problemas humanos, esta obra foi escrita para encontrar as pessoas onde elas estão e levá-las para além de seus medos e inquietações.



A Quem Temerei

Ann Vitorovich

Para Mara, a vida era literalmente um campo de guerra. Sua história verdadeira nos transporta à Sérvia e às cicatrizes da I Guerra Mundial. A violência dilacerou a família de Mara e também seu coração. Quando veio a paz, afinal, Mara partiu com sua família para uma vida simples no campo.

A Quem Temerei é um livro poderoso que lhe trará coragem e o ajudará a encontrar esperança e vitória nas lutas da vida.

Ligue
0800-9790606*

Acesse
www.cpb.com.br

Faça seu pedido no
SELS de sua Associação

Ou dirija-se a uma
CPB livraria

@casapublicadora [cpb.com.br/facebook](https://www.facebook.com/cpb.com.br)

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

